

COTRIJUI OBSERVOU A AMAZÔNIA LEGAL



Diretores, conselheiros e alguns convidados especiais representando áreas paralelas ao setor como o INCRA, a CTRIN e o CONDEPE, viajaram à região da Amazônia Legal com a finalidade de observar no local as condições em potencial da área onde a COTRIJUI estuda a possibilidade de colonizar extensa área.

A missão da COTRIJUI es-

teve oito dias no Norte, dos quais três dias dedicados exclusivamente à observação na região de Altamira, no Pará.

A direção da cooperativa e seus convidados mantiveram importantes contatos com as autoridades e técnicos locais. Em Belém, capital do Estado, a COTRIJUI foi recebida em audiência especial pelo governador do Estado

sr. Aloysio da Costa Chaves, no Palácio Lauro Sodré. Importantes encontros também foram mantidos com a direção da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia - SUDAM e com a direção do Banco da Amazônia S.A. - BASA, ambas organizações com poder de decisão na cidade de Belém.

A presente edição do CO-

TRIORNAL dedica amplo espaço à Amazônia, destacando além de pormenores relacionados com a COTRIJUI e seu Projeto, com destaque para entrevistas com agricultores gaúchos localizados ao longo da Transamazônica, matéria de caráter histórico e fatos relacionados com os usos e costumes populares, com destaque para a festa do Cirio de Nazaré,

festa de cunho religioso que recebe turistas de várias partes do País e mesmo do exterior.

Leia no espaço que vai da página sete à página 13, a Amazônia vista por diferentes ângulos. Na foto o governador paraense Aloysio da Costa Chaves, quando palestrava com os diretores da COTRIJUI, em seu gabinete no Palácio Lauro Sodré.

Nesta Edição:

ECONOMIA PRODUÇÃO HISTÓRIA GEOGRAFIA COSTUMES

Rua: José Hickembick, 66
Caixa Postal, 111
Ijuí - RS.
Inscr. 065/00070
Inscr. INCRA Nº 248/73

C.G.C. 90 726 506/001
ADMINISTRAÇÃO

Direção Executiva:

Presidente: Ruben Ilgenfritz da
Silva.

Vice-Presidente: Arnaldo Oscar
Drews.

Superintendente: Clóvis Adria-
no Farina.

Diretores: Alceu Carlos Hickem-
bick e Euclides Casagrande.

Conselheiros efetivos:

Alberto Sabo, Amaury Marks,
Alfredo Driemeyer, Carlos Krü-
ger, Itelvino Sperotto e Reinol-
do Luiz Kommers.

Suplentes:

Elcides José Salomoni, Hugo
Lino Costa Beber, Renaleto
Fontana e Zeno Foletto.

Conselho Fiscal efetivos:

Herbert Hintz, José Cláudio
Koehler e Jaci Luciano de Sou-
za.

Suplentes:

Harri Reisdorfer, Flávio Carlos
Sperotto, Emílio Uhde.

Armazéns:

Sede - Ijuí	98.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	20.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Tenente Portela	10.800 T.
Vila Jóia	20.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
Augusto Pestana	30.000 T.
Ajuricaba	30.000 T.



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigido ao
quadro social. Nossa tiragem:
11.000 exemplares.



Associado
da **ABERJE**
Associação
Brasileira
de Editores
de Revistas
e Jornais
de Empresa

EXPECIENTE

Redação e Administração:

Rua José Hickembick, 66 Cx.
Postal, 111 - Ijuí - RS.

Registrado no Cartório de Tí-
tulos e Documentos do muni-
cípio de Ijuí, sob nº 9.

Redator: Responsável -

- Raul Quevedo -

registro profissional no MTPS
1176 matrícula na SJPPA nº 550
sócio da Associação Riogranden-
se de Imprensa nº 1571.

Colaboradores: Rui Polidoro
Pinto, Rui Michel e Walter
Frantz.

Composto no
"Jornal da Manhã" - Ijuí
e impresso em máquina rotativa
off-set no
"Diário Serrano" - Cruz Alta

EDITORIAIS

PRIORIDADE AO QUE É PRIORITÁRIO

O COTRIJORNAL, na justificativa do prin-
cípio que se traçou desde seu primeiro número,
qual seja o enfoque de problemas de ordem social
e econômica relevante para o Estado e para o País,
tem procurado destacar e mesmo levantar proble-
mas carentes de solução. Agora mesmo - e é com
prazer que registramos - o povo gaúcho e mesmo
brasileiro, tomam consciência da evolução do pro-
jeto que tem em vista a ligação dos rios Ibicui-Ja-
cui, e que há mais de 13 anos era mantido no mais
absoluto silêncio.

Levantado pelo COTRIJORNAL, em boa ho-
ra foi ouvido pelo governador do Estado, sr. Sin-
val Guazzelli, que já promove demarches junto às
autoridades federais visando a importante obra.

O COTRIJORNAL continua atento.

Por essa razão, dedicamos o espaço editoriais
da presente edição à GAZETA MERCANTIL de
São Paulo (edição de 25 de outubro), cujo edito-
rial intitulado "Devemos dar prioridade ao que é
prioritário publicamos na íntegra.

"Segundo dados divulgados há alguns dias, da
tribuna do Senado, o orçamento federal para o ano
em curso consignava uma verba de Cr\$8.881.998,00
"para o transporte rodoviário" (ou seja, supomos,
para construção e manutenção de rodovias), e ou-
tra de Cr\$2.168.295,00 "para o transporte ferro-
viário".

Ainda de acordo com a mesma fonte, o orça-
mento federal para 1976 que já foi apresentado ao
Congresso, prevê a verba de Cr\$11.467.805,00 pa-
ra as rodovias, o que representa aumento de Cr\$.
2.585.807,00, ou praticamente 30% sobre 1975.

As ferrovias, entretanto, apenas foram aqui-
nhoadas, no orçamento para o ano próximo, com
a verba de Cr\$1.694.057,00, isto é, menos Cr\$...
474.233,00 do que em 1975, ou seja uma redução
de 22%.

Se tais dados estão certos, o que devemos
presumir, uma vez que foram apresentados pelo
Senado, força é concluir que a orientação orça-
mentária federal devia ser devidamente esclarecida,
para evitar impressões da estranheza, se não de es-
panto, mas que, na ausência de esclarecimentos,
decorrem logicamente do exame objetivo de nossa
presente situação econômico-financeira.

Na verdade, diante da exorbitância dos preços
do petróleo, diante dessa extorsão de que vêm sen-
do vítimas os países desenvolvidos e, principalmen-
te os semidesenvolvidos, subdesenvolvidos, todos
esperavam que o Brasil, onde há bastante carvão e
abundância de energia elétrica de origem hidráulica
se voltasse imediatamente para a recuperação
de nossas ferrovias e navegação costeira.

Se era compreensível (dentro de um ponto de
vista bitolado e imediatista) que preferíssemos o
transporte rodoviário, com 80% de petróleo impor-
tado, quando esse petróleo nos custava ao redor

de US\$ 3 por barril, não é fácil entender que essa
preferência perdure, quando nossa dependência do
petróleo importado é ainda de 80%, mas quando o
preço deste passou de US\$ 13,20 (CIF).

Conforme mencionamos por estas colunas,
(em dados que foram repetidos da tribuna do Se-
nado), dentre 7 países - a União Soviética Alema-
nha Oriental, França, Estados Unidos, Japão, Ale-
manha Ocidental e Brasil - o nosso país ocupava o
primeiro lugar na preferência pelas rodovias
(74,2%) e no descaso pelas ferrovias (apenas 16,2%)
e pelas hidrovias (9,6%), em contraste com a U-
nião Soviética (respectivamente 7,2%, 77,2% 5,1%)
e com os Estados Unidos, onde essas percentagens
são de 25, 50 e 25, também respectivamente. (A
União Soviética também inclui os oleodutos, com
10,5% de seus transportes).

Entretanto, os Estados Unidos são o país mais
"motorizado" do mundo e o maior produtor de
petróleo, e a URSS é o segundo maior produtor
do chamado ouro negro.

É difícil de compreender, portanto, que o
Brasil, que precisa importar, a preços escorchantes
que nossa economia não pode suportar sem peno-
sos sacrifícios, 80% do petróleo que consome, per-
sista em relegar suas estradas de ferro e sua navega-
ção de cabotagem a um nível secundário e em trans-
portar madeira e outras cargas, em caminhões, do
Pará ao Rio Grande do Sul; e em baldear, também
por caminhões, boa parte da safra do café, do inte-
rior de São Paulo, Minas e Paraná, para Santos e
Paranaguá.

Não é possível, pois, deixar de estranhar que
o orçamento federal para o ano em curso distribua
sua verba de "transportes" na proporção de 80%
para as rodovias e 20% para as ferrovias. E é ainda
mais estranhável que o orçamento para 1976 vá
muito além, e dê às rodovias 87% daquela mesma
verba, e reserve apenas 13% às ferrovias.

Já citamos por estas colunas a opinião de um
nosso conceituado técnico em problemas ferroviá-
rios, segundo a qual o material rodante de nossas
estradas de ferro não passa hoje de sucata, isto é,
de ferro velho.

Em tal situação, não se pode esperar que nos-
sas ferrovias, com a modesta verba que lhes foi
consignada no orçamento do ano próximo, possam
recuperar-se em tempo útil, e reduzir de forma sen-
sível nossa dependência do petróleo importado.

Acreditamos, entretanto, que o Ministério
dos Transportes, que deve conhecer as condições
reais das ferrovias nacionais, suas necessidades bem
como a importância e a urgência de sua recupera-
ção, esteja atento ao problema e possa modificar
as perspectivas algo inquietadoras que os dados a-
cima fazem temer, dando prioridade ao que é
altamente prioritário".

EUA-URSS: TRIGO POR PETRÓLEO

WASHINGTON — Os Estados Unidos concluíram um acordo para a venda de trigo à União Soviética por um período de cinco anos, a vigorar a partir de 1º de outubro de 1976, segundo anunciou o presidente Gerald Ford. Com base no acordo, os soviéticos se comprometem a comprar um mínimo de 6 e um máximo de 8 milhões de toneladas de cereais por ano.

No mesmo período, a URSS fornecerá aos EUA 10 milhões de toneladas de petróleo e subprodutos durante um ano (cerca de 200 mil barris por dia), conforme um programa que ainda está sendo discutido. O vice-ministro de Comércio Exterior soviético, Vladimir Alkhimov, desmentiu que o acordo petrolífero tivesse bases mais vantajosas para os Estados Unidos.

QUANTIDADES MODESTAS

Disse Vladimir Alkhimov que "qualquer acordo a longo prazo para fornecer nosso petróleo a este país tem que se basear no preço mundial". Em entrevista à revista "U.S. News and World Report" afirmou que qualquer acordo preferencial nos preços não estaria justificado economicamente e exporia nossas nações a críticas de outras".

Alkhimov disse que os soviéticos não teriam dificuldades para fornecer "quantidades modestas" de petróleo aos Estados Unidos, num acordo a longo prazo, mas exigiria créditos e ajuda de companhias norte-americanas para prover grandes quantidades.

A conclusão do acordo para o trigo, segundo anunciou o presidente Ford, determinou a suspensão do embargo que pesava sobre a venda de cereais para a União Soviética. Ford divulgou ainda o texto de uma carta que deverá ser enviada ao Kremlin para anunciar que ainda este mês serão reiniciadas as negociações com vistas à compra de petróleo da União Soviética. No acordo do trigo há uma cláusula de "emergência", que permite a redução das exportações, caso haja problemas de colheita nos Estados Unidos.

No acordo do petróleo, o administrador Federal da Energia, Frank Zarb, afirmou que o problema crucial é o preço e que os Estados Unidos insistem em taxas "razoáveis", presumivelmente inferiores às vigentes nos mercados internacionais.

Por sua vez, o secretário da Agricultura, Earl Butz, estima que os soviéticos poderão chegar a comprar outros 7 milhões de toneladas de cereais antes que o acordo entre em vigor no prazo de um ano. A URSS teve este ano uma péssima colheita de cereais e compraram 9,8 milhões de toneladas da mercadoria aos Estados Unidos, o que determinou o embargo da Casa Branca, em agosto passado, com a finalidade de evitar distorções no mercado.

Depois do comunicado da Casa Branca, o presidente da Central Operária, George Meany, afirmou que os estivadores norte-americanos estão "satisfeitos" com o acordo. O boicote dos sindicatos contra o carregamento de navios destinados à União Soviética forçou Ford a decretar o embargo.

TAXA DE CRESCIMENTO

A economia dos EUA experimentará um rápido crescimento no terceiro trimestre deste ano, aumentando o Produto Nacional Bruto em mais de 11,2%, o que significará a mais forte expansão dos últimos 20 anos. No último trimestre o aumento foi de 1,9%, contra uma redução de mais de 10% registrada nos primeiros três meses de 1975.

CANDIDATO À PRESIDÊNCIA DA FAO FAZ ADVERTÊNCIA: PROBLEMÁTICA ALIMENTAR CRÍTICA NO ANO DE 1980

BRASÍLIA — "O mundo tem mais cinco anos para resolver o problema de alimentos, porque as curvas entre estoque e demanda se cruzarão em 1980, mesmo sem uma nova seca", advertiu o dirigente do Centro Internacional de Pesquisa de Desenvolvimento do Canadá, sr. David Hopper, candidato do seu país à direção geral da Organização de Agricultura e Alimentos das Nações Unidas, FAO.

"Só 10% dos gastos com armas e instalações bélicas já resolveriam o problema, pois isto equivale a 25 bilhões de dólares Cr\$ 225 milhões," explicou Hopper. Ele falou com o Ministro da Agricultura, sr. Alisson Paulinelli,

Ministro Interino das Relações Exteriores, sr. Saraiva Guerreiro, e com o presidente da Empresa Brasileira de Pesquisas Sobre Alimentos.

Hopper veio buscar o voto brasileiro à FAO, criada há 30 anos. A eleição é dia 10 do corrente, e o canadense terá 5 adversários, de Gana, El Salvador, Polônia, Nova Zelândia e Líbano. O principal ponto de seu programa é a auto-suficiência dos países em desenvolvimento, citando a soja para mostrar que o Brasil pode se igualar aos fornecedores tradicionais: Estados Unidos, Canadá, Nova Zelândia e Argentina. "O Brasil já passou a China e fica apenas abaixo dos Estados Unidos em soja", informou.

ARNOLDO TOYNBEE: TEMOR DO FUTURO

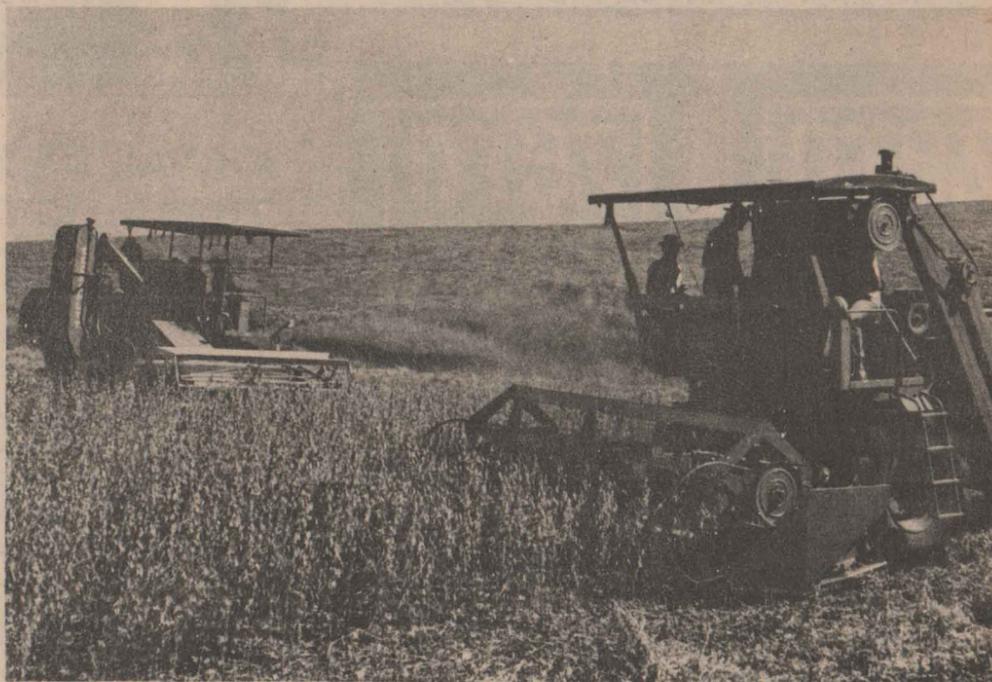
LONDRES — Morreu em sua residência em Londres, no dia 22 de outubro último, o historiador e filósofo Arnold Tynbee. Ao morrer, com a idade de 86 anos ele sabia tudo sobre o passado da humanidade e parecia saber tudo também sobre o futuro. E seu conceito pessoal sobre a história do homem não era nada salutar...

Toynbee tornou-se conhecido mundialmente por sua obra Um Estudo da História, em 12 volumes, escritos no período entre 1927 e 1961. A obra trata do apogeu e do declínio das civilizações; seu nascimento, sua consolidação, sua decadência.

Conhecedor profundo das religiões, era no entanto cem por cento agnóstico. Foi diplomata durante a Primeira Guerra Mundial, carreira que abandonou para lecionar história universal na Universidade de Londres. Ultimamente era diretor do "Royal Institute of International Affairs".

Nascido em Londres em 14 de abril de 1889, descendia de uma família de intelectuais.

Antes de plantar
todos os adubos são iguais.
Na hora de colher
é que você vai ver a diferença.



Não basta colocar na terra um fertilizante qualquer para garantir o êxito da sua lavoura. O fumo, cana, trigo, soja, arroz, feijão, amendoim, algodão, café, cada cultura enfim, como cada tipo de terra, exigem fertilizantes com composições diferentes e apropriadas.

Há 45 anos que o nome Trevo está associado a produção e distribuição de corretivos e fertilizantes, inicialmente no sul, e hoje em todo o país. Não jogue na sorte. Escolha logo o produto que você

conhece e sabe os resultados que ele pode lhe dar. Com Adubos Trevo você pode ficar sempre tranquilo.

ADUBOS TREVO

Indústrias Luchsinger Madörin S.A.

Av. Júlio de Castilhos, 435
Fone: 25-5455 - Cx: Postal 37 - Porto Alegre - RS
45 anos de experiência em fertilizantes

JORNAIS

DIÁRIO SERRANO

O DIÁRIO SERRANO DESTACOU TRABALHO DO COTRIJORNAL

O Jornal DIÁRIO SERRANO, que se edita na cidade de Cruz Alta, destacou em sua edição do dia 22 de outubro último, na seção Calidoscópico, o trabalho do COTRIJORNAL em relação a reclamada ligação Ibicui-Jacui.

É o seguinte o texto divulgado pelo jornal dirigido pelo ilustre jornalista Prudêncio Rocha, na cidade de Cruz Alta. "O governo está tratando da ligação dos rios Jacui-Ibicui, assunto de singular relevância para o desenvolvimento do Estado. É obra que vem sendo preconizada desde o século passado, com indicações que depois morriam no esquecimento.

Vocês devem saber que um jornal do interior, o "Cotrijornal", dirigido pelo nosso colega Rau! Quevedo, vem publicando

uma série de trabalhos, com sólidos estudos, mapas e gráficos, mostrando que essa ligação seria vital para o real desenvolvimento do Rio Grande. O "Cotrijornal", sem dúvida, prestou memorável serviço ao Rio Grande, ao iniciar a campanha por essa ligação, agora referendada pelo governo do Estado, como evento intimamente vinculado ao desenvolvimento do Rio Grande, abrindo-lhe várias e grandes perspectivas para aumentar o progresso mediante uma obra de grandiosidade e audácia, que se insere no elenco das mais urgentes prioridades, para transformar o facies econômico do Rio Grande, abrindo-lhe inúmeras perspectivas para o aproveitamento de nosso grande potencial de progresso".

ZERO HORA; COTRIJUI É UM MODELO EM COOPERATIVISMO

ZERO HORA

ZERO HORA

O jornal ZERO HORA de Porto Alegre, órgão da Rede Brasil Sul de Comunicações, publicou em sua edição de 11 de outubro último, longa e interessante reportagem sobre a COTRIJUI, onde analisou parte de sua infra-estrutura sócio-econômica, seu quadro social e seus empreendimentos diretos ou paralelos.

A matéria, que circulou em caderno especial dedicado ao trigo, por ocasião da visita feita ao Estado pelo presidente da República, general Ernesto Geisel, enfatizou entre vários ou-

tros empreendimentos, a circulação do COTRIJORNAL, veículo de comunicação da cooperativa a seu quadro social, mas que veicula assuntos de interesse geral relevante, conforme frisou o jornal porto-alegrense.

O título da reportagem de ZERO HORA, que ocupou as páginas 46 e 47 da citada edição, foi: COTRIJUI, um bom exemplo que pode servir de modelo ao cooperativismo na área de produção. O destaque dado à COTRIJUI foi de iniciativa do editor João Aveline.

O GLOBO

Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1975

JORNAL O GLOBO TAMBÉM RESSALTOU A COTRIJUI

O jornal O GLOBO, do Rio de Janeiro, em sua edição de 3 de outubro, deu amplo destaque ao trabalho da COTRIJUI, dedicando meia página do seu suplemento especial de cooperativismo, à nossa cooperativa. A reportagem publicada no jornal foi remetida pelo jornalista Fúlvio Bastos da sucursal do grande matutino carioca, no Rio Grande do Sul.

Disse o jornal no início da reportagem: "A Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda, conhecida pela sigla "Cotrijui", com sede em Ijuí, no Rio Grande do

sul, é o exemplo que de mais expressivo se pode apresentar, na atualidade, em termos de cooperativismo na produção. Apesar de nova (completou 18 anos de atividades a 20 de julho último), tornou-se a maior cooperativa tritícola do País, e das maiores em termos de resultados.

Dentre várias outras considerações, O GLOBO também destacou o COTRIJORNAL, dizendo que em seu terceiro ano de circulação, o veículo já grangeou a simpatia de mais de 40 mil leitores, inclusive no exterior.



jornal da manhã

— o jornal para toda a família —

JORNAL DA MANHÃ EDITORIA TRABALHO DO COTRIJORNAL

O JORNAL DA MANHÃ de Ijuí, órgão dirigido por Rudi Feix e Ademir Campos Bindé, dedicou o editorial de sua edição de 4 de outubro ao trabalho que o COTRIJORNAL vem realizando em prol da obra de ligação hidroviária das bacias do Ibicui e do Jacui.

Disse o jornal ijuiense no início do editorial: "O Rio Grande do Sul possui um dos melhores posicionamentos hidrográficos e lacustres do Brasil, a começar pelas lagoas Mirim e dos Patos, as maiores do País e que têm ligação entre si e

ainda contatam os principais rios com o oceano Atlântico. Entre os rios destacam-se o Jacui, o Taquari, o Gravataí e o Guaíba.

Recentemente o COTRIJORNAL, órgão de divulgação da Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda. de Ijuí, dedicou extenso trabalho a propósito da ligação dos rios Ibicui e Jacui, uma reivindicação que vem sendo feita há mais de um século, pois já em 1855, a Assembléia Provincial do Estado apelava aos poderes constituídos do Império para que estes possibilitassem a comunicação física desses cursos d'água.

IBICUI-JACUI: A EVOLUÇÃO DE UM MOVIMENTO DE OPINIÃO

O governador do Estado, sr. Sinval Guazzelli, determinou a formação de um grupo de trabalho que trabalhará em harmonia com o Conselho de Desenvolvimento Econômico do Rio Grande do Sul, para estudar a forma de agir no sentido da construção da ligação Ibicui-Jacui. O anúncio governamental foi feito em Porto Alegre e o grupo técnico criado já promoveu a primeira de suas reuniões com aquele objetivo. O grupo de trabalho é formado pelos secretários dos Transportes, Interior, Agricultura e Planejamento, que buscarão o assessoramento de autoridades federais chegadas ao setor hidroviário.

A decisão do Governo do Rio Grande do Sul em levar adiante a necessidade de construção daquela obra, é extremamente relevante. Cabe ressaltar aqui, conforme o COTRIJORNAL destacou em manchete em sua edição de setembro, "Que a ligação Ibicui-Jacui é reclamada desde o Império".

Posteriormente, na edição que circulou em outubro, o COTRIJORNAL voltaria com mais seis páginas de texto, mapas e ilustrações, e destacando opiniões e arrazoados técnicos de especialistas em hidrovias e autoridades, onde se defendeu a necessidade de construção da importante ligação.

É, portanto, com satisfação que este jornal acompanha o andamento dos primeiros trabalhos do grupo governamental, cuja missão é estudar os meios de ação que nos levem - o Rio Grande do Sul e o Brasil - à concretização da hidrovias, cuja construção se reclama desde os primeiros anos do segundo Império.

Mas a persistência da COTRIJUI em equacionar detalhes da obra e sua significação para o concerto global da economia gaúcha e brasileira, levou o redator do Cotrijornal ao Rio de Janeiro, para entrevistar uma das maiores autoridades brasileiras no setor de hidrovias e navegação. Trata-se do engenheiro Affonso Henrique Furtado Portugal, diretor de Vias Navegáveis do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis - DNPVN. A matéria a seguir é de autoria do referido especialista, que foi ouvido pelo Cotrijornal em seu gabinete, no Rio de Janeiro.

LIGAÇÃO IBICUI-JACUI, E A ECONOMIA NOS TRANSPORTES

A economia do transporte é o fator principal da sobrevivência da navegação interior nos tempos atuais, compelindo os principais países a investirem somas elevadas no melhoramento e construção de novas vias navegáveis.

O barateamento das vias navegáveis, que, em média, se traduz pela relação de custos: 1 - hidroviário, 4 - ferroviário e 10 - rodoviário, continua se acentuando a favor das vias navegáveis, à proporção que estas são implantadas com maiores gabaritos. Dos antigos canais europeus para embarcações de 150 a 300 toneladas, passa-se atualmente para o mínimo de 1.500 toneladas. As vias de maior tráfego são preparadas para 6.000 toneladas. Nos Estados Unidos há comboios de chatas empurradas até de 40.000 toneladas. É oportuno assinalar que nesse país, graças às técnicas mais modernas de navegação, à boa administração das empresas e ao maior gabarito das suas eclusas, a relação de custos 1:4:10, acima mencionada, passou a: 1 - hidroviário, 5 - ferroviário e 22 - rodoviário.

Para se entender bem as razões desse fator será útil citar os resultados de um estudo analítico comparativo apresentado pelo técnico alemão W. Geile, transcrito adiante.

1º - Peso morto - Para transporte de 1 tonelada:

Caminhão - desloca peso morto de 700 kg.

Trem - desloca peso morto de 800 kg.

Barco - desloca peso morto de 350 kg.

2º - Força de tração - Força de 1 CV desloca aproximadamente:

Na rodovia 150 kg

Na ferrovia 500 kg

Na hidrovía 4.000 kg

3º - Energia consumida - Energia produzida 1 kg de carvão permite transportar:

Em rodovia - 6,5 toneladas em 1 km.

Em ferrovia - 20 toneladas em 1 km

Em hidrovía - 40 toneladas em 1 km.

4º - Custo do equipamento - Para o transporte de 1.000 t. úteis são necessários:

Na rodovia - 50 caminhões com reboque, no valor de 3 milhões de marcos e vida de 10 anos.

Na ferrovia - 50 vagões e 1 locomotiva, no valor de 25 milhões de marcos e vida de 30 anos.

Na hidrovía - 1 barco motor, no valor de 750 mil marcos e vida de 50 anos.

5º - Mão-de-obra.

Ferrovias - 300 mil empregados para transportar 63 bilhões t/km 200 t/km/empr.

Hidroviárias - 50 mil empregados para transportar 40 bilhões t/km 800 t/km/empr.

Conclusão - Custo dos transportes: Ferroviário - 2,14 Pfennig por t/km - 4,5

Hidroviário - 0,48 Pfennig por t/km - 1.

Essa economicidade tem, como é óbvio, efeito extraordinário para o desenvolvimento de regiões com potencial econômico porém afastadas dos grandes mercados, por permitir que certas mercadorias, de baixo valor unitário, porém importantes para o desenvolvimento, possam ser transportadas a lugares distantes sem que o custo do transporte as torne mais caras que a sua própria cotação nos mercados ou que se tornem tão preciosos que o seu uso fique restrito a poucos consumidores, como se fossem coisas de luxo.

No momento atual que estamos vivendo, mais uma razão ponderável veio se somar a favor do maior uso das vias navegáveis - a economia do petróleo. Estudos realizados, embora divergentes quanto à exatidão dos números, mas evidentes quanto aos resultados, demonstram inequivocamente o menor consumo de combustível por tonelada transportada pelo barco, em relação ao trem de ferro e ao caminhão. O caminhão gasta de 4 a 6 vezes mais combustível que o barco, por tonelada transportada.

Nessa crise universal de energia convém que se medite sobre os seguintes números: 1 CV desloca 150 kg na rodovia, 500 kg na ferrovia e 4.000 na via navegável.

POLIVALÊNCIA

Quando se implanta uma hidrovía, com uma sucessão de barragens e eclusas, não se obtém apenas a via de transporte, mas, ao mesmo tempo se regulariza o rio, diminuindo os efeitos catastróficos das inundações, aumentando as vazões de estiagem, aproveita-se a energia hidráulica, conta-se com maior disponibilidade de água para os usos industriais, domésticos e agrícolas, criam-se condições favoráveis para o desenvolvimento do turismo, do recreio e da piscicultura.

Essa polivalência das vias navegáveis tem, pois, um poder altamente fecundante, incontável, sobre a economia das regiões e, por isso, constitui o maior atrativo para a instalação de indústrias em suas margens. A hidrovía moderna é, portanto, ape-

nas uma parte de um complexo de várias utilizações da água. É um erro compará-la, pura e simplesmente com os outros meios de transporte, que só dão o transporte, enquanto ela dá muito mais.

Outros aspectos podem ainda ser relacionados.

- As vias navegáveis oferecem ao usuário dos transportes uma escolha mais ampla. Em relação à via férrea evitam que se crie uma situação de monopólio.

- São extremamente versáteis, podendo nelas trafegar todos os tipos de barcos, grandes e pequenos, de grandes empresas ou individuais.

- Aliviam a rodovia de cargas pesadas e de massa, contribuindo para a sua conservação e seu tempo de saturação.

- Permitem o transporte de grandes peças.

- Dispõem de reservas de capacidade de transporte consideráveis, praticamente ilimitadas no caso de rios de corrente livre e, nos rios canalizados, a sua multiplicação pela simples construção de novas eclusas ao lado das primitivas.

- Pelo transporte de matérias-primas a baixo preço facultam a instalação de indústrias no interior, longe dos portos marítimos, sendo consideradas o prolongamento da costa e daí engendrando o crescimento do tráfego para os outros meios de transporte.

- Tem um efeito descentralizante notável, a ponto de serem apelidadas de "avenidas de indústrias" e, em muitos casos, permitem também o transporte "porta a porta", considerado privilégio das rodovias,

- Propiciam apreciável economia de petróleo e portanto de energia, por tonelada transportada.

- Sendo suscetíveis a sustar as concentrações crescentes das atividades econômicas, portanto das populações, as vias navegáveis tem a faculdade de melhorar a qualidade da vida e salvaguardar a natureza. Contribuem para valorizar os sítios aprazíveis, pois dão origem a menos ruídos e menos poluição atmosférica que os outros meios de transporte.

Tratando-se da polivalência das vias navegáveis interiores não se pode esquecer que se está lidando com o precioso recurso água, que deve merecer o mais cuidadoso planejamento integrado, face às diversas utilidades e à característica de mobilidade, atravessando propriedades, regiões e até países.

De tudo isso se deduz que os rios devem ser tratados isoladamente por diferentes órgãos. A



Eng. Affonso H. F. Portugal, diretor de Vias Navegáveis do DNPVN.

água como matéria, o transporte sobre a água e a energia hídrica, não devem ser, em geral, estudados em compartimentos estanques, mas como um conjunto, como se faz nos países mais civilizados, e devem obedecer a um comando de decisões colegiado, em que os setores modais estejam representados.

Com o crescimento das populações e com o desenvolvimento agrícola e industrial que aumentam o consumo de água é fácil ver que o recurso hídrico torna-se cada vez mais raro e precioso. Urge, assim, que as comunidades, se acautelem, pois, parodiando a ária da ópera Rigoletto, "la donna é mobile", pode-se, com maior razão, dizer que a água é móvel, podendo constituir, a sua falta, causas de empobrecimento, de desavenças e até de guerras.

CUSTOS DE CONSTRUÇÃO

É fundamental para o equa-

cionamento do problema da navegação interior no Brasil elucidar a questão do custo de construção de hidrovias, como se verá em seguida.

Uma afirmação frequentemente divulgada é a de que o custo das obras de navegação seria fabuloso, taxando de visionários aqueles que propugnam pelo seu desenvolvimento. É uma afirmação falsa.

Pelo contrário, o custo por quilômetro de construção de hidrovias equivale ao de ferrovias pavimentadas de 1ª classe. Dois fatores principais contribuem para isso.

O primeiro é que quase todos os rios de porte possuem estirões longos francamente navegáveis, mas separados por trechos encachoeirados que quebram a continuidade da via e, portanto, do seu maior uso. Assim, as obras corretivas, como barragens com

LIGAÇÃO IBICUI-JACUI, E A ECONOMIA NOS TRANSPORTES

eclusas ou canais laterais, ficam limitadas a esses trechos. Se dividirmos o total de despesas dessas obras pela distância total da hidrovia, obteremos um custo compatível com os dos demais meios de transporte e, às vezes, muito mais baixo. O critério de adotar a extensão total da via, como divisor, é válido, uma vez que os trechos naturalmente navegáveis nada custaram à Nação. O Tocantins, por exemplo, tem estirões de 105, 150, 190, 250 e 500 km de extensão, naturalmente navegáveis. Se dividirmos o total das despesas para as obras nas corredeiras pela extensão total entre a sua foz e nascente de 1.650 km, obteremos um custo por km de Cr\$1.210.000,00, compatível com o da construção da Belém-Brasília.

O seu afluente, Araguaia, tem uma extensão contínua navegável de 1.000 km. O São Francisco, o Tapajós, o Xingu, o Uruguai, o Paraná, todos eles possuem longos estirões naturalmente navegáveis, de razoáveis condições que podem ser melhoradas.

O segundo fator que concorre para o abaixamento do custo quilométrico de construção de vias navegáveis é o aproveitamento múltiplo. Grande parte das barragens são necessárias para a produção de energia elétrica e as obras de navegação, com um acréscimo da ordem de 10% podem ser consideradas como um subproduto. Nessa situação o mesmo exemplo do Tocantins, citado anteriormente, no caso das barragens serem construídas para energia elétrica em todas as corredeiras, o custo da hidrovia poderá baixar para valor da ordem de Cr\$ 300.000,00 por km, muito inferior, pois, à construção de rodovias pavimentadas.

Fica assim desmentida a afirmação de custos astronômicos das hidrovias artificiais. Mas vale a pena dar outros exemplos.

A distribuição das despesas de construção de barragens pelos diversos aproveitamentos faz baixar o custo da hidrovia. O T. V. A. (Tennessee Valley Authority) adotou para a navegação, controle de cheias e energia elétrica, respectivamente, as percentagens de 20%, 14% e 66% do custo total das obras. O valor imputado à hidrovia do Tennessee foi de 150 milhões de dólares o que equivale ao custo de 131 mil dólares por quilômetro.

A canalização do rio Jacui na extensão de 225 km, entre Amarópolis e a foz do Vacacaí, com 3 barragens e eclusas, sem aproveitamento hidroelétrico cus-

tu, a preços atualizados, à razão de Cr\$ 1.100.000,00 por km.

A estimativa do custo do canal Jacui-Ibicui atualizada para 1975 resulta em Cr\$ 5.530.000,00 por km. Esse valor unitário é igual ao da rodovia Rio-Santos. Mas se considerarmos a hidrovia Porto Alegre-Uruguaiana, tendo o canal Jacui-Ibicui como parte, o custo unitário baixará para Cr\$ 2.300.000,00 por km.

A chamada ferrovia do aço, a ser iniciada, entre Belo Horizonte e São Paulo, está avaliada em Cr\$ 9.000.000,00 por km.

A rodovia dos Imigrantes está saindo Cr\$20.000.000,00 por km.

Uma hidrovia transversal ao Rio Grande do Sul, ou Leste-Oeste, ligando a Lagoa dos Patos ao rio Uruguai faz parte do Plano Nacional de Viação. Integrará essa hidrovia a famosa ligação Jacui-Ibicui, tão falada desde o tempo da Monarquia.

O anteprojeto global do trecho que compreende o divisor de águas e que vai desde a confluência Vacacaí-Jacui até a confluência Santa Maria-Ibicui, com a extensão virtual de 217 km, constitui, por certo, trabalho inédito no Brasil.

A área de influência direta da ligação Jacui-Ibicui abrange os municípios de Alegrete, Cacequi, General Vargas, Itaqui, Rosário do Sul, Santa Maria, São Francisco de Assis, São Gabriel, São Pedro do Sul, Uruguaiana, Butiá, Cachoeira do Sul, Formigueiro, General Câmara, Restinga Seca, Rio Pardo, São Jerônimo, São Sepé, Taquara e Triunfo.

As perspectivas de produtos a serem transportados pela via navegável se referem principalmente a arroz, soja, trigo, gado e lã, no sentido do litoral e ao calcário, fertilizantes, combustíveis, sal, açúcar e materiais de construção, no sentido do interior.

O estudo hidrológico permitiu fixar as condições de exploração desse reservatório e as quantidades de água a serem reservadas para as perdas. Pode-se afirmar que a vazão média disponível de 10 m³/seg é muito superior às necessidades para a irrigação da parte baixa do Vale do Vacacaí, a qual, portanto, poderá ser ampliada.

A alimentação do canal poderá ser por gravidade até o tráfego de 3 milhões de toneladas anuais. Para um tráfego maior seria necessário prever um reaproveitamento parcial da água, com recalque a 20 m de altura. Pequenos aproveitamentos de energia serão possíveis no total de 6.000 kw.

A estimativa do custo do canal, com 217 km de extensão, atualizada para o momento atual é de Cr\$ 1.200.000.000,00, do que resulta um valor por quilômetro de Cr\$ 5.530.000,00. Esse valor unitário é igual ao da rodovia Rio-Santos. A transposição dos divisores de água constitui os trechos pesados de uma hidrovia.

Se considerarmos o canal como parte da hidrovia Porto Alegre-Uruguaiana, com 700 km de extensão, o custo unitário baixará para Cr\$ 2.300.000,00 por km. Nesse número estão incluídas as obras de canalização que o Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis executou no Jacui, constituídas pelas barragens e eclusas de Fandango, Anel de Dom Marcos e Amarópolis, esta inaugurada em 1974 e as que se fizerem no rio Ibicui, ainda não projetadas.

Com a barragem do Salto Grande e sistema de eclusas no rio Uruguai, que este país e a Argentina já vêm construindo, uma vez executado o canal Jacui-Ibicui e melhorado este último rio, ter-se-á uma ligação interior Rio Grande-Porto Alegre-Montevideú-Buenos Aires. Todavia, o mais importante para nós seria a integração da bacia do Uruguai aos nossos portos da Lagoa dos Patos permitindo a baixo preço o transporte de adubos e de cal a granel para a correção das terras ácidas da parte ocidental do Estado do Rio Grande do Sul e facilitando o escoamento da sua produção agrícola e pecuária.

Os estudos realizados desmentem, mais uma vez, aqueles que afirmam serem fabulosos os custos de construção de hidrovias. A hidrovia Porto Alegre-Uruguaiana, apesar de conter em seu trajeto a transposição de um divisor de águas, e de ser constituída de obras excluídas de navegação (sem aproveitamento de energia), está estimada em custo por km da mesma ordem de rodovias pavimentadas de 1ª classe.

Antes de terminar, queremos salientar que o afã com que defendemos um lugar ao sol para a navegação interior, não significa que sejamos contra os demais meios de transporte. Seria uma tolice e falta de senso. Cada meio tem o seu lugar. Apenas estamos tentando mostrar que a navegação fluvial também possui o seu, não é coisa do passado e seria um desperdício para a Nação, não aproveitá-la em toda a sua plenitude.

Palestra de Olímpio Tabajara:

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E INTEGRAÇÃO NACIONAL



Economista Olímpio Tabajara, no auditório da COTRIJUI.

Atendendo convite da COTRIJUI e do COTRIJORNAL, o economista Olímpio Tabajara proferiu palestra em Ijuí, no auditório da nova sede da cooperativa na noite de 24 de outubro que passou. A palestra, dedicada a um público constituído por autoridades da região e lideranças empresariais, do cooperativismo e sindicalismo, focalizou a importância e viabilidade plena do projeto de ligação das bacias do Ibicui e Jacui, a um custo perfeitamente admissível com as possibilidades do presente.

O conferencista analisou a importância da citada ligação, traçando paralelos com o elevado e crescente custo das rodovias e também em face de nossa precariedade no que se refere à ferrovias, cujos traçados — poucos — mantêm uma malha ainda dos primeiros anos do século, portanto completamente incapaz de suportar os trens modernos de hoje.

Disse Tabajara que a ligação das bacias do Ibicui e do Jacui, terá reflexo imediato na baixa do custo da produção, devido ao grande barateamento do frete. A via hidrográfica reclamada cortará o Estado de leste a oeste através da depressão central, num percurso de 700 quilômetros.

A ligação dar-se-á através do corte de canal artificial que acompanhará o curso do rio Vacacaí, numa extensão de 212 quilômetros. Este canal, que no futuro absorverá as águas do Vacacaí, unirá as duas maiores bacias do Estado, dando estirões navegáveis com a profundidade de 3,5 metros, numa primeira etapa. Serão construídas sete barragens com

eclusas, a capacidade de suporte de três milhões de toneladas. Com o recalque já admissível e previsto nos cálculos de engenharia, a eclusagem poderá ser ampliada, dependendo das necessidades do transporte.

O projeto de engenharia prevê a produção de energia, na proporção de 6.000 quilovats, numa primeira etapa. Mas o grande mérito da obra não será a geração de força energética, mas o transporte de carga bruta, a irrigação de extensas áreas que sofrem hoje os efeitos de secas periódicas; a drenagem de vastas extensões de banhadas e que se conseguirá pela retificação e taludamentos dos riachos ribeirinhos em ambas as bacias, a interligação no sentido rosa-dos-ventos com os portos de Buenos Aires, Montevideú, Rio Grande, Porto Alegre, Pelotas, isso como primeira etapa porque no futuro estas ligações terão conexão com os demais sistemas hidrográficos do continente ou sejam: as bacias do Prata e do Orinoco, com todo o sistema brasileiro, inclusive a bacia Amazônica.

Ao final de sua aplaudida conferência, o economista Olímpio Tabajara sugeriu aos dirigentes da COTRIJUI e líderes ruralistas do Estado, que formem corporações ou associações nas zonas abrangidas pelas bacias relacionadas, com o objetivo de manter lembrados os governos para a importância e necessidade da obra em causa. Pois apesar de sua importância e viabilidade ser reconhecida e reclamada desde a metade do século XIX, a mesma não foi ainda encarada a nível de realização plena.



Geograficamente, a chamada Amazônia Legal abrange as áreas do Pará, Amazonas, Acre, Amapá, Roraima, Goiás, (acima do paralelo 13), Mato Grosso (acima do paralelo 16) e o Maranhão (a oeste do meridiano 44;) num total de 4.871.487 km², e com uma população de 7.199.529 habitantes, segundo o censo de 1970. Essa superfície corresponde a aproximadamente 57 por cento do território brasileiro e é a de menor concentração demográfica.

Apresenta clima quente. No chamado período invernal, que se caracteriza pela estação das chuvas, as inundações modificam a paisagem das zonas ribeirinhas (dos igarapés) e condicionam o ciclo de produtividade das pequenas lavouras. A vegetação dominante é de floresta tropical, podendo definir-se por três tipos principais: mata de várzea, mata de terra firme e mata de igapó.

Nas zonas limítrofes, a leste e ao sul, encontram-se os cerrados e as zonas de transição para a caatinga.

Os tipos humanos característicos da região são o caboclo, remanescente dos seringueiros do tempo da abundância da borracha; o regatão, comerciante dono de barco que abastece as populações ribeirinhas de víveres e alimentos em troca de produtos extraídos da mata, o vaqueiro e o pescador de pirarucu.

A estes tipos humanos, principalmente ao longo da Transamazônica, está se juntando um outro elemento. É o colono que habita as agrovilas, agrópolis e rurópolis do INCRA. Gaúchos, paranaenses, paulistas e nordestinos, mas já com primazia dos sul-riograndenses, estão se aclimatando ao longo da grande rodovia e cultivando o arroz, a cana-de-açúcar, o milho, a pimenta-do-reino, a mandioca e o feijão preto entre

vários outros cultivos anuais ou perenes.

Pode se dizer que a Amazônia de hoje é uma espécie de retalho humano de tipos variados. Loiros de olhos azuis do Rio Grande do Sul e do Paraná cruzam com morenos cor-de-cuia de Pernambuco, baianos e alagoanos, enquanto carpem seus roçados nas proximidades da mata virgem e colhem os frutos que a terra dá.

Aos poucos eles vão dominando a mata e seus segredos. As plantações se ampliam. As lavouras são primitivas na base da queimada e plantio sobre as cinzas as vezes ainda quentes da fogueira. Mesmo assim a terra é generosa e dá frutos que o colono migrante colhe para ir fazendo a própria independência.

A Amazônia não é mais mistério. As feras bravias, se existem estão bem distantes do perímetro que marca o traçado da

Transamazônica. As cobras, principalmente a temível sucuri, habita os igarapés mais afastados e até o mosquito e o pium, espécie de borrachudo amazônico, aparece apenas nas épocas de chuva abundante.

Nesta edição estamos apresentando a Amazônia. Detemo-nos em analisar o estado do Pará. Belém, a região de Altamira, onde a COTRIJUI estuda a possibilidade de colonizar extensa área, e Santarém, importante cidade banhada pelo Tapajós; mais precisamente, onde o Tapajós se encontra com o Amazonas.

A COTRIJUI, representada por sua diretoria e conselho de administração esteve oito dias na região, acompanhada por técnicos do INCRA. As reportagens a seguir são fruto das observações feitas pela reportagem e declarações de diretores da cooperativa e dos técnicos que compuseram a caravana.

AMAZÔNIA ESTÁ DEIXANDO DE SER UM MISTÉRIO

BRASIL, "ESSE DESCONHECIDO"

Menotti Del Picchia
(Da Academia Brasileira de Letras)

Prefaciando o livro Vale Amazônico no Futuro do Mundo, de Antonio do Espírito Santo, o poeta Menotti Del Picchia escreveu sob o título: Brasil, "esse desconhecido", importante comentário de apresentação, cujos primeiros parágrafos transcritos a seguir.

"De quando em quando rimo-nos da ignorância do estrangeiro, com referência à geografia, à história e à cultura do Brasil. Não raro, um relâmpago de jacobismo in-

flama nossa indignação, ao lermos alhures um conceito errado sobre nossa terra, esquecidos de que, em última análise, pela sua grandeza e pelas suas surpreendentes possibilidades, continua ser o Brasil para os próprios brasileiros, o "grande desconhecido".

Descobrimos o Brasil todos os dias: — nas estatísticas; nas realizações governamentais e no arrojo das iniciativas privadas; nas narrati-

vas dos que enfiam a cabeça num sertão ainda tão inatingido, em largas zonas, como a matéria brava que atraiu e assombrou o bandeirante; nas manifestações culturais e sociais das suas variadas populações. Feliz terra que ainda pode oferecer ao seu povo e ao mundo tanta reserva virginal de mistério, e um tão assombroso potencial de riqueza expresso por toda sorte de utilidades: — rios, águas cachoeiras, boas terras de cultura e minérios, animais e vegetais. Força hidráulica e riquezas industrializáveis. Tudo isso disseminado em zonas e paisagens as mais diversas e em climas, muitos deles, paradisíacos.

Quando, neste mundo devassado, que a eliminação das distâncias, pela técnica moderna, tornou "um mundo só", tudo parece apressado, visto e excitado pela exploração, um universo mágico rompe da sombra verde, estendendo-se por milhões de quilômetros quadrados. Nessa vastidão geográfica, que abrange quase um continente, vive um povo bom, sem egoísmo, por processo de formação étnica nacional e função de trabalho visivelmente democrático.

Aí está o que é o Brasil: um mundo à espera do mundo".

PROJETO COTRIJUI-NORTE COM GOVERNADOR DO PARÁ

A missão da COTRIJUI que viajou ao norte do País com a finalidade de observar a região do Projeto e manter contato com as autoridades estaduais e federais sediadas no Pará, foi recebida pelo governador Aloysio da Costa Chaves em seu gabinete no Palácio Lauro Sodré. Na oportunidade, o chefe do Executivo paraense ouviu exposição feita pelo diretor-presidente da COTRIJUI, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva e pelo coordenador do Projeto COTRIJUI-NORTE, economista Edgar Irio Simm.

Foram expostos ao governador Aloysio Chaves os pormenores do Projeto de colonização de 400 mil hectares ao longo da Transamazônica, a partir do km 85, no trecho Altamira-Itaituba.

O Projeto, que tem dupla fundamentação, pretende além da colonização da área Amazônica o remembramento de áreas minifundiárias no Rio Grande do Sul, precisamente na região de atuação da cooperativa.

O governador paraense ficou sabendo que a intenção da COTRIJUI é colonizar 200 mil hectares da área demarcada, mantendo as restantes 200 mil como reserva florestal, pois a filosofia da COTRIJUI é observar uma rígida política de preservação da ecologia local. Nas 200 mil hectares a serem derrubadas, a cooperativa aproveitará a madeira em estágio industrial, inclusive a nível de exportação internacional; colonizará em módulos padrões as derrubadas e orientará tecnicamente a agricultura, tanto com cultivos perenes quanto os anuais.

As principais culturas perenes serão o cacau, a cana-de-açúcar, o café, guaraná, dendê. Anuais são: arroz, milho, feijão-pre-

to, soja tropical, fumo em folha, amendoim.

O plano de remanejamento das famílias colonizadoras, em número final de 2.000, dar-se-á a razão de 200 famílias por ano, para uma transferência total no prazo de 10 anos. A cooperativa atuará nas faixas de orientação técnica, creditícia, educacional e de saúde aos associados transferidos e participará nos setores de indústria, transporte e comércio global do que for produzido na área conforme foi estudado e consta do projeto entregue ao governador Aloysio da Costa Chaves, na tarde do dia 13 de outubro último pela direção e conselheiros da COTRIJUI, no encontro realizado no Palácio Lauro Sodré. Ao final do encontro, o diretor-presidente da cooperativa convidou o governador paraense para visitar o Rio Grande do Sul, na área da COTRIJUI. O convite foi extensivo ao secretário da Agricultura do Estado, eng. agr. Antonio Itayguara Moreira dos Santos.

BASA E SUDAM

A direção da COTRIJUI aproveitou a estada em Belém para manter contatos com a direção do Banco da Amazônia S.A. (BASA), na pessoa de seu presidente, sr. Francisco de Jesus Penna e superintendente do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), general Hugo de Almeida, com a finalidade de expor os detalhes do Projeto Cotrijui-Norte.

Desses contatos, resultou a possibilidade de aproveitamento de incentivos fiscais oriundos do imposto de renda para aplicação por parte da própria cooperativa na região, o que resultará num benefício por escala sucessiva.



O redator do COTRIJORNAL na residência do escritor, em São Paulo, em janeiro de 1968.



Tendo em vista observar as condições em potencial da Amazônia, principalmente a região de Altamira, no estado do Pará, a COTRIJUI promoveu a viagem de diretores e conselheiros junta-

POTENCIALIDADES DA AMAZÔNIA FORAM VISTAS PELA COTRIJUI

mente com técnicos e autoridades do INCRA.

Conforme é do conhecimento dos associados, a cooperativa desenvolve estudos no sentido de implantar o projeto Cotrijui/Norte, que consiste na colonização de uma área de 400 mil hectares ao longo da Transamazônica, à altura do km 85 do trecho Altamira-Itaituba.

A Amazônia é ainda praticamente desconhecida. Por isso, consideramos de extrema importância o conhecimento por parte de nossos associados de sua configuração física, climatológica, bem como suas condições de clima, flora e fauna.

A região Norte do Brasil,

que é praticamente ocupada pela Amazônia Legal, compreende os estados do Amazonas, Pará, Acre, e os territórios de Rondônia, Roraima (ex-Rio Branco) e Amapá.

Como se sabe, a crosta da Terra não é uniforme. Ela se modifica acentuadamente em todas as longitudes e latitudes. Os continentes apresentam grandes montanhas e profundas cavernas, abismos, recortados por rios caudalosos e grandes cachoeiras, além de espessa e variada vegetação. São esses fatores da própria ecologia que dão o necessário equilíbrio ao nosso planeta.

Assim, o Brasil não pode ser diferente: a Amazônia não pode fugir aos acidentes da cros-

ta terrestre. Ela possui planícies, montanhas (apesar de não muito acentuadas), rios majestosos, lagos, lagoas, e selva.

A planície Amazônica, das mais extensas do mundo, tem cerca de 1.600.000 km². Estreita do lado do Atlântico, alarga-se na direção do Pacífico, do qual é interrompida pelo grande maciço da Cordilheira dos Andes. Suas terras, segundo afirmam os geólogos, são sedimentares (areias, argilas), datando das eras terciárias e quaternária.

AGRICULTURA NA AMAZÔNIA

A despeito dos esforços que vem sendo feitos pelo INCRA, a agricultura na Amazônia ainda não contagiou nossos caboclos; os naturais da terra.

A não ser ao longo da Tran-

samazônica, nas agrovilas, agrópolis e rurópolis criadas pelo INCRA, e habitadas por brasileiros de outras regiões do País, principalmente gaúchos, no restante da região a agricultura é praticada no máximo ao nível de subsistência. Os nativos cultivam a mandioca, o feijão, o milho, e o arroz, complementando a alimentação com a caça e a pesca.

O nível de vida é precário. No geral, o homem dedica-se a caça e à pesca, enquanto as mulheres e crianças, nas épocas precisas, fazem o trabalho da pobre e mal aproveitada agricultura.

E no entanto, as perspectivas amazônicas são imensas. Extensas regiões de terras à espera de uma agricultura e pecuária que se aplicadas racionalmente, à luz da tecnologia moderna, terão possibilidades de abastecer o Brasil e talvez até o mundo.

A TRANSAMAZÔNICA, DE ALTAMIRA A ITAITUBA

A caravana da COTRIJUI voou de Belém para Altamira na manhã do dia 14 de outubro, onde desembarcou por volta das 9 horas, deslocando-se em seguida para Brasil Novo, onde ficou hospedada no hotel do INCRA. A viagem de Altamira a Brasil Novo foi o primeiro contato com a Transamazônica. A caravana COTRIJUI era formada por seu presidente e vice, respectivamente, Ruben Ilgenfritz da Silva e Arnaldo Oscar Drews; coordenador do Projeto, Edgar Irio Simm; conselheiros, Reinoldo Luiz Kommers, Alfredo Driemeyer, Carlos Krüger, Itelvino Sperotto, Renaleto Fontana, Zeno Foletto, Amaury Marks, José Cláudio Koehler, Ja-

ci Luciano de Souza, Harri Reisdorfer, Flávio Carlos Sperotto, Emilio Uhe. Viajaram como convidados da cooperativa o coordenador do INCRA no Rio Grande do Sul, eng. agr. Frederico Dürr; o diretor da CTRIN, órgão do Banco do Brasil, sr. Humberto Garófalo; o médico e ex-prefeito de Ijuí, sr. Solon Gançalves da Silva, que viajou com a finalidade de observar as condições de saúde e higiene na região; eng. agr. Carlos Alberto Kroeff, do Conselho Nacional de Desenvolvimento da Pecuária - CONDEPE; Aldair Heberle, diretor de operação da COTRIEXPORT, além de técnicos da cooperativa nos diferentes setores, todos com a finalidade de

observar setores específicos de sua atuação.

A área da Transamazônica no trecho entre Brasil Novo e o Km 85, na direção de Itaituba, foi percorrido durante três dias pela caravana. Foram observadas as condições de terreno, inclusive com penetração na mata virgem por cerca de dez km e analisadas as perspectivas existentes e de infra-estrutura.

Mais do que as palavras, as fotos que completam esta reportagem mostram o que foi a estada da missão COTRIJUI e os contatos mantidos na região, inclusive com os muitos gaúchos lá instalados, alguns antigos associados da COTRIJUI nesta região.



O transbordo para o ônibus.



A chegada em Altamira, manhã de 14 de outubro. No primeiro plano o conselheiro Reinoldo Luiz Kommers.



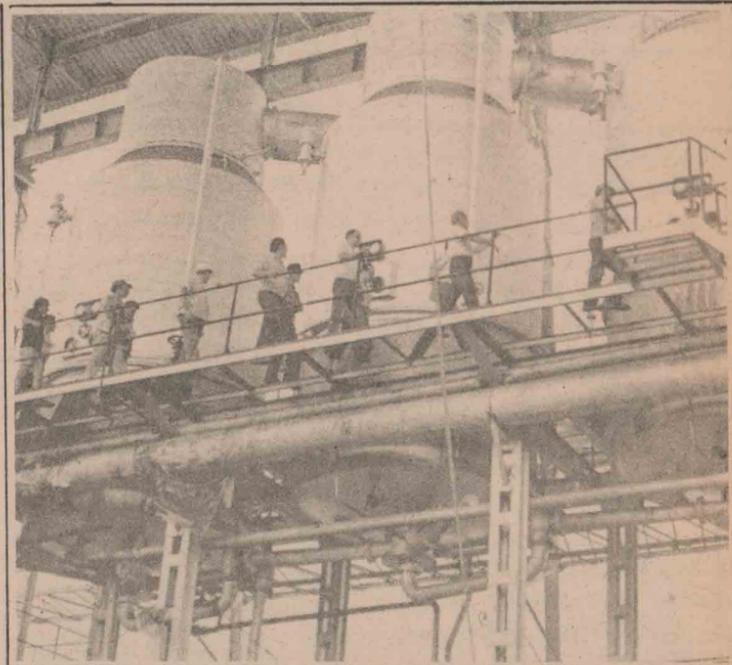
A exposição do Projeto para os técnicos do INCRA, em Brasil Novo, feita pelo presidente da COTRIJUI.



Vista parcial de uma Agrovila.



Contato com família gaúcha, oriunda de Tenente Portela. E a família Trevisan, cuja filha Teresinha aparece em outro local desta edição.



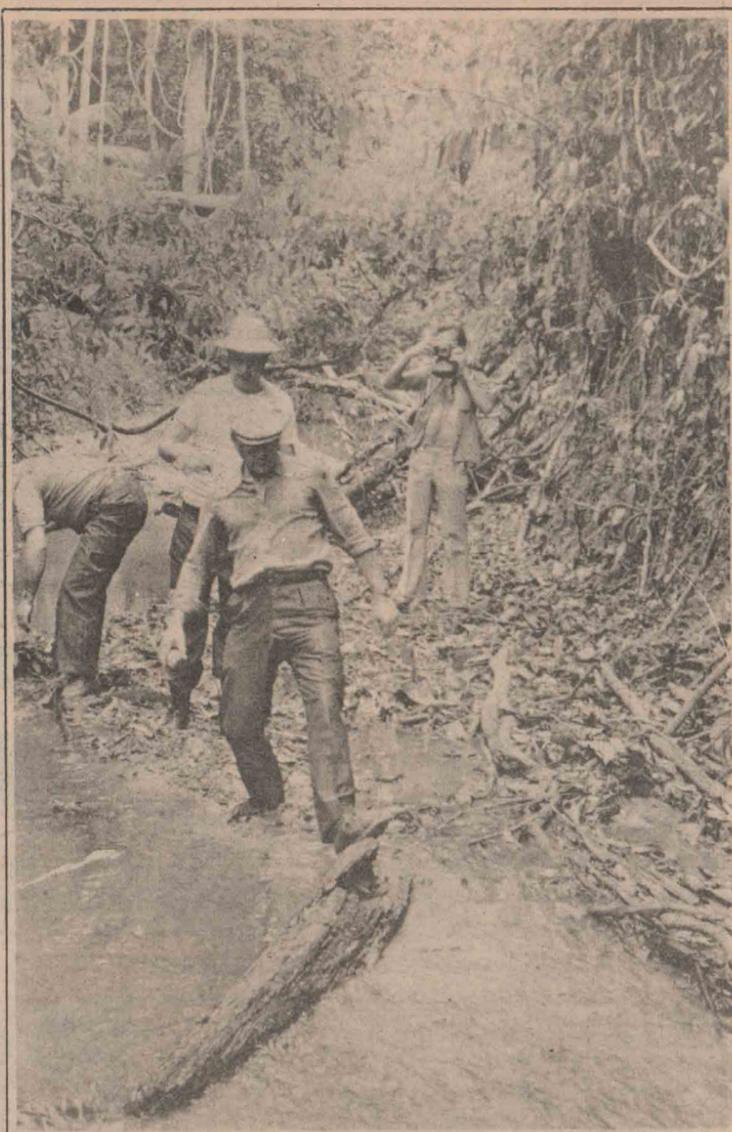
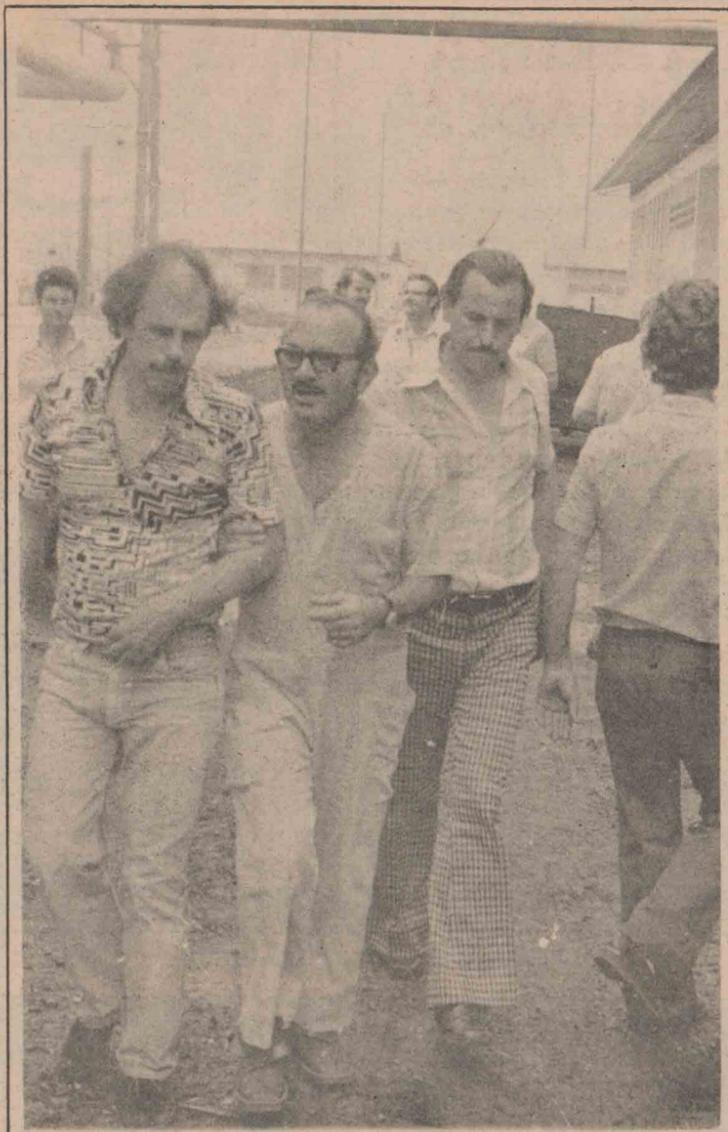
Usina de açúcar de propriedade do INCRA. Faz parte do Projeto Agro-Industrial Canavieiro Abraham Lincoln e deverá ser repassada para a COTRIJUI, segundo prevê o Projeto. A foto é de vista parcial.



O COTRIJORNAL é lido em plena Amazônia pelo sr. Elio Nicoletti, natural de Tenente Portela. Ele é proprietário do restaurante Saci, que batizou em homenagem ao Internacional.

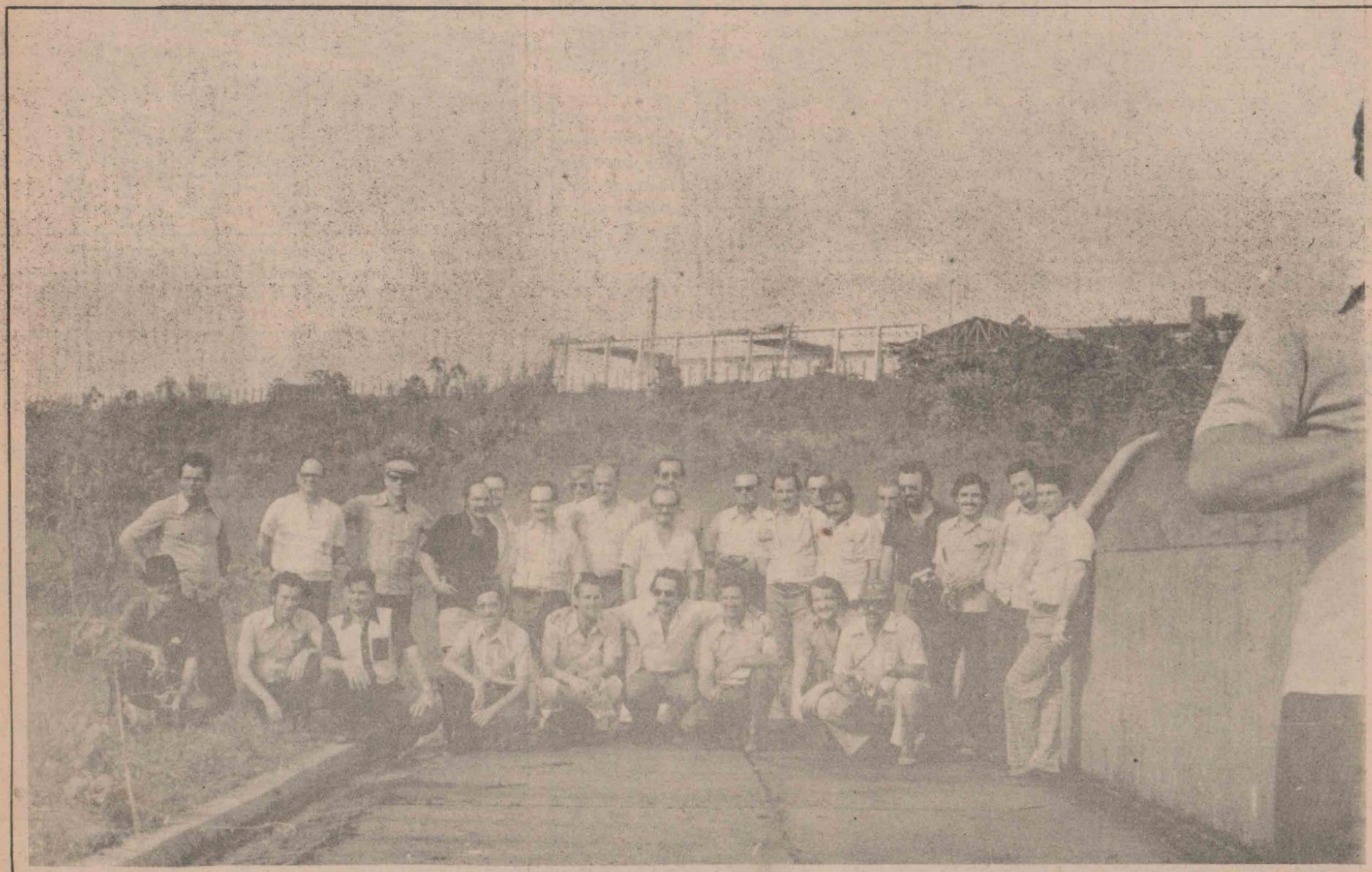


A usina é totalmente automatizada, sendo das mais modernas do mundo. Por falta de matéria-prima atual, opera com apenas 10 por cento de sua capacidade.



O administrador da usina dá explicações aos diretores da COTRIJUI.

Quando o equilíbrio é importante . . .



Os componentes da caravana da COTRIJUI ao lado da estação de resfriamento da usina, aparecendo ao fundo uma vista parcial da fábrica.



AMAZÔNIA, A TERRA DAS OPORTUNIDADES

Ao longo desta série de reportagens sobre a Amazônia, estamos publicando uma síntese de artigo assinado pelo acadêmico Menotti Del Picchia, paulista e membro da Academia Brasileira de Letras, para a primeira edição (1955) do livro de Antonio do Espírito Santo, O Vale Amazônico.

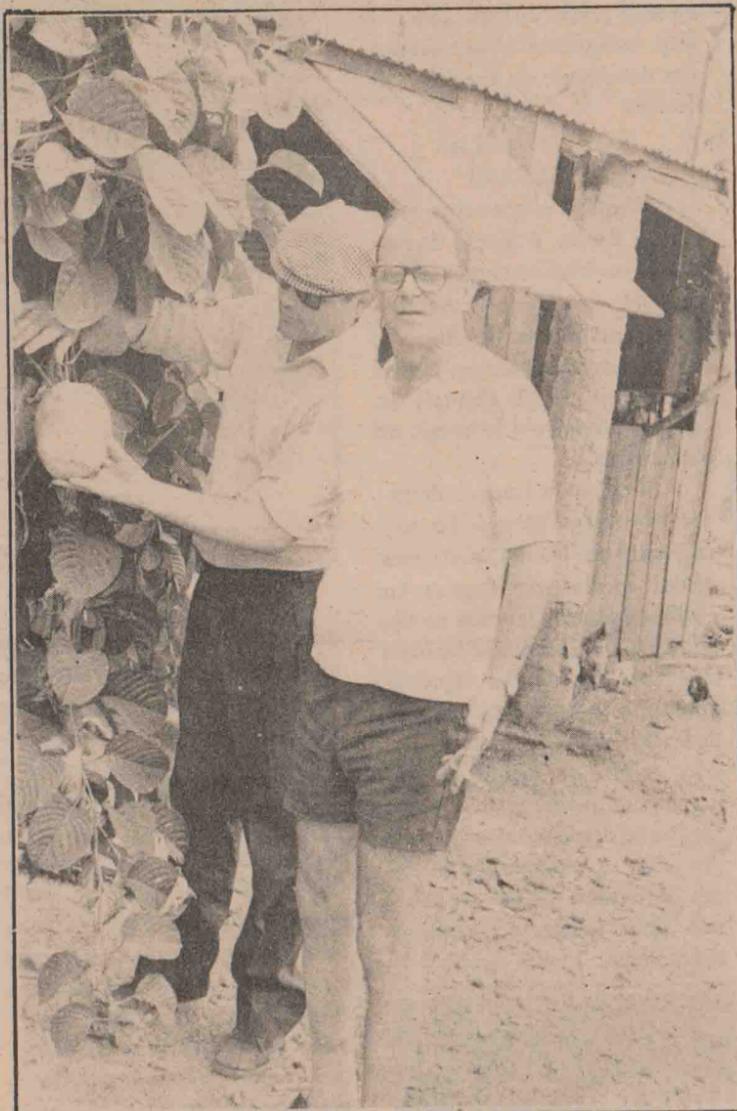
Em parte para confirmar os argumentos de Menotti Del Picchia expostos há 20 anos, e que podem ser analisados nesta edição, estampamos mais uma série de fotos tiradas pelo repórter do COTRIJORNAL, que acompanhou a caravana da COTRIJUI.

Muitas famílias gaúchas transferiram-se para a Amazônia. Algumas voltaram, outras ficaram. A caravana da COTRIJUI manteve vários contatos com algumas destas famílias.

As fotos a seguir vão contar um pouco da história desta gente. Sem obedecer uma rígida sequência jornalística, as fotos aparecem aqui para mostrar um pouco do muito que é possível fazer hoje na Amazônia, se obedecidas normas de tecnologia e trabalho racionalizado, conforme a COTRIJUI prepara-se para realizar.



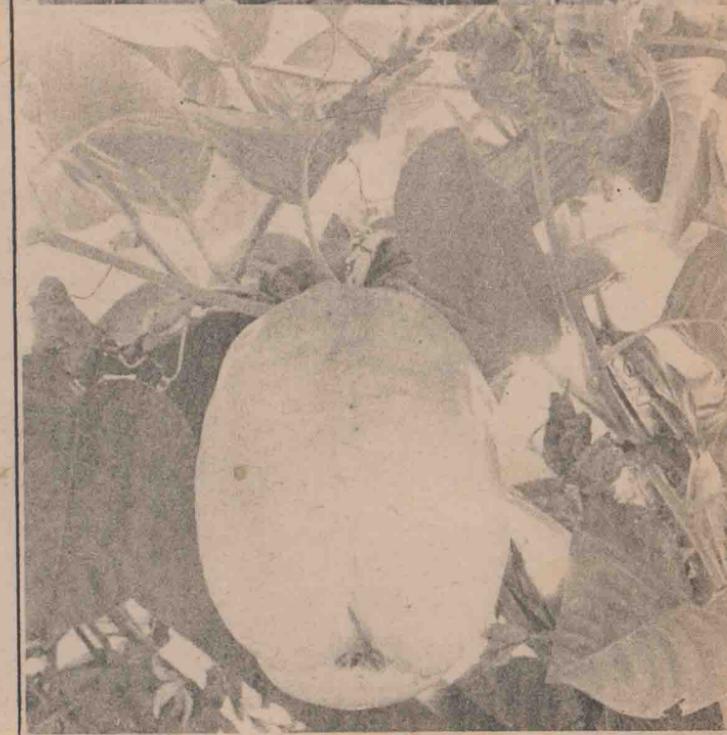
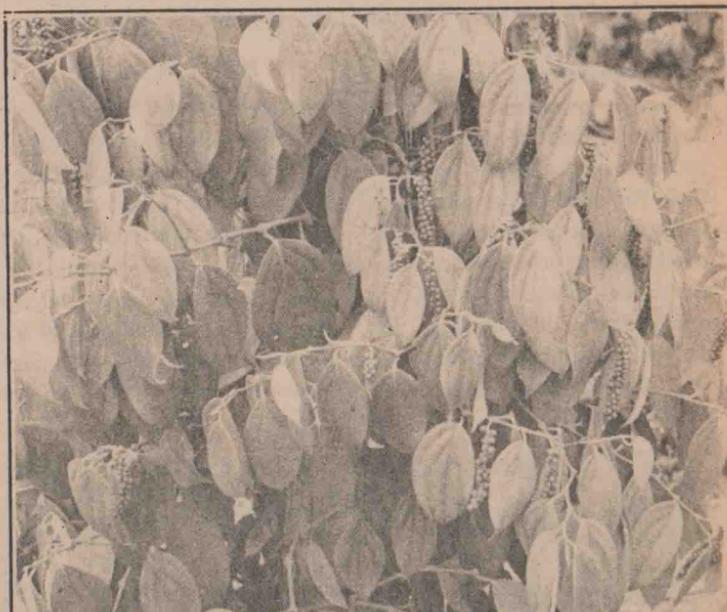
Teresinha Trevisan é natural de Tenente Portela. A família Trevisan está há três anos na agropolis próxima a Brasil Novo. Para orgulho de sua mãe, sra. Leonilda Trevisan, Teresinha perdeu por apenas 5 votos de ser a rainha de Altamira.



Humberto Garófalo, diretor da CTRIN (Comissão de Comercialização do Trigo), mede o peso de um maracujá.



Esta moça é natural de Santa Rosa. Cunhada do sr. Lino Fraelich, que estava na lavoura quando de nossa passagem por lá. Residem na Rurópolis Presidente Médici e estão satisfeitos.



Na foto-montagem, o viço de um pimental e de um maracujá fruta.



Pimenta-do-reino cresce até 2,5 metros de altura. Uma gauchinha de Tenente Portela mostra o tamanho dos grãos ao vice-presidente da COTRIJUI, sob as vistas do eng. agr. Realdo Cervi, do departamento técnico da cooperativa em Santo Augusto.

FELIZ LUSITÂNIA, FOI A ORIGEM DE BELÉM DO PARÁ

Francisco Caldeira de Castello Branco, o fundador do Pará desembarcou no lugar onde está situada sua capital — a cidade de Belém — no dia 12 de janeiro de 1616. Nessa mesma data foi celebrada a primeira missa, oficiada pelo capelão da jornada, padre Manoel Figueira de Mendonça e lançada a primeira pedra do Forte Presépio, depois Forte do Castelo, que se constituiu em baluarte invencível da defesa da cidade, que prosperou.

Caldeira já havia sido governador da capitania do Rio Grande do Norte, na sua qualidade de capitão-mór. No Pará, conseguiu a boa vontade dos índios Tupinambás, que chegaram a auxiliar na construção do Forte do Presépio e na ermida de N. S. das Graças, padroeira de Belém.

Sob o nome de Feliz Lusitânia, Belém foi fundada sobre a taba de Parauassu, grande cacique dos Tupinambás. Um dos primeiros cuidados de Caldeira, ao constatar o poderio Tupinambá, foi chamar os índios à civilização por intermédio do capelão da jornada, o já referido Manoel Figueira de Mendonça, que se constituiu no primeiro vigário do Pará.

Nos primeiros tempos da conquista, Caldeira não chegou a ter muito trabalho nas terras do Grão-Pará, a não ser algumas escaramuças contra tribos aborígenes rebeldes e expulsar uns poucos navios de holandeses e ingleses que haviam se localizado na foz do Amazonas e no Marajó.

Como repartição fiscal da capitania do Pará fora criada a

“Casa do Véro Pezo”, que não só arrecadava impostos da câmara também o de exportação da capitânia, com funções tipicamente alfandegárias.

IMIGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

No ano de 1670 intensificou-se a imigração lusitana para o Pará. Segundo as crônicas da época, muitos agricultores portugueses deixam a agricultura da pátria para cultivarem as terras paraenses, obtendo êxito.

Em 1676, a 7 de janeiro chegam a Belém 50 famílias de açorianos, num total de 234 pessoas de ambos os sexos. Eram famílias de açorianos vítimas de uma irrupção vulcânica na ilha de Faial. Agricultores profissionais. Apesar das adversidades do meio, conseguiram prosperar.

Em janeiro de 1770 chegam a Belém o navio São Francisco Xavier e as galeras São Joaquim e Sant'Anna, conduzindo 340 famílias portuguesas, num total de 1022 pessoas. Essas famílias fundam a seguir Nova Mazagão, às margens do rio Amazonas.

POPULAÇÃO DE BELÉM EM 1788

Segundo mapa apresentado por João de Amaral Coutinho, procurador do Senado da Câmara, a cidade de Belém possuía, em outubro de 1788, “hum mil e oitenta e três fogos e dez mil seiscientos e vinte moradores livres e escravos”. Segundo o mesmo recenseador, essa população era constituída de uma mestiçagem

de “brancos, pretos, indianos, pardos, mamelucos, curibócas e cafuzes.

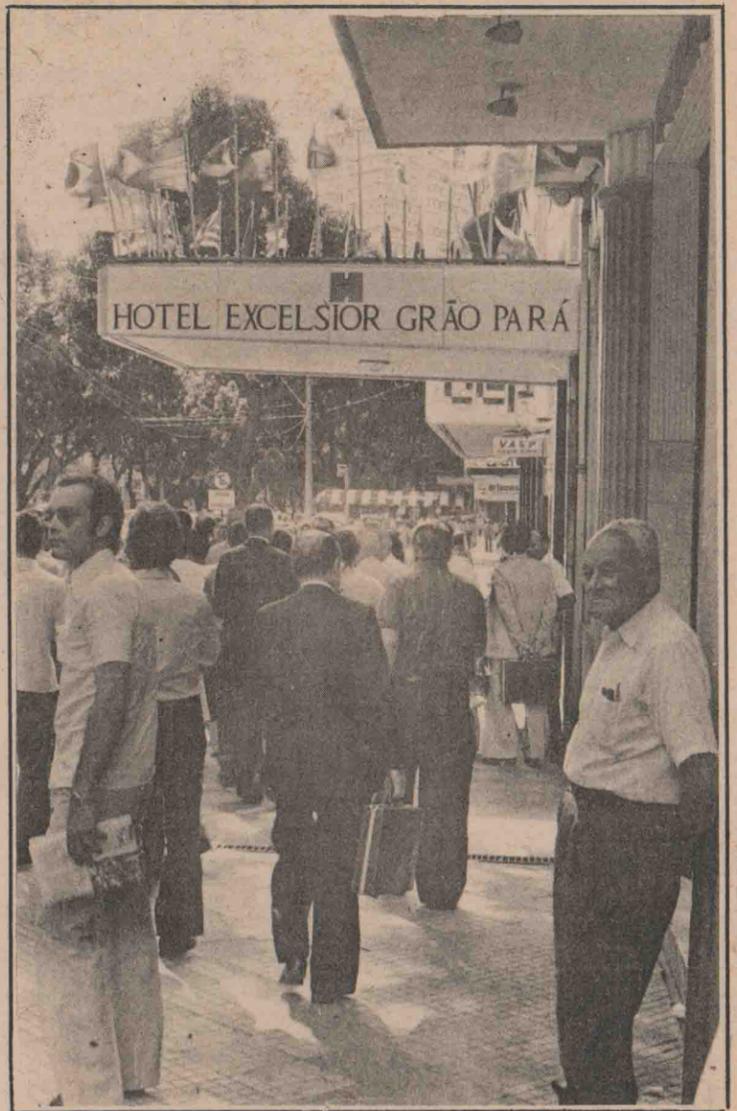
Essa heterogeneidade era proveniente dos brancos haverem cruzado com as demais raças. Segundo Jorge Hurley, citando o cronista Baena, “os brancos cruzaram com as cafres e indianos; da mestla dos brancos com os indianos procedem os mamelucos da dos pardos com as pretas, os cafuzos e da dos indianos com as mesmas pretas, os curibócas”. Até hoje, essa parece ser a característica dominante do brasileiro nordestino.

O GADO DA ILHA DE MARAJÓ

Segundo o escritor paraense Manuel Barata, a criação de gado vacum no Pará remonta ao ano de 1644. Os primeiros exemplares vieram das ilhas de Cabo Verde. “Desembarcados em Belém, foram alojados nos quintais das casas suburbanas e herdades circunvizinhas”.

A primeira fazenda de gado prosperou em Marajó. Francisco Rodrigues Pereira, português, oficial carpinteiro, fundou em 1680 a primeira fazenda na ilha do Marajó. Localizava-se no lugar chamado Amaniútuba Algodoal, à margem esquerda, nas proximidades do foz do rio Arary.

A ilha do Marajó — cujo nome primitivo era Joannes, caracterizou-se desde o descobrimento por suas excelentes possibilidades de criação animal, devido a suas boas pastagens, aguadas e clima firme.



Belém, nos dias de hoje

A resistência natural dos índios e tenacidade dos holandeses e ingleses na ocupação das terras do grande rio, foram os primeiros obstáculos que os portugueses tiveram de combater no Pará.

Segundo revelam os “Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Grão-Pará”, do Instituto Lauro Sodré, edição de 1905 (tomo quarto), a luta contra os índios, após os primeiros grandes choques, amenizou-se, transformando-se em encontros ocasionais. Mas a expansão geográfica que levaria os conquistadores ao alargamento de suas fronteiras, colocou-o em confronto com outras grandes tribos. Mesmo assim, caracterizaram-se como os maiores perigos para os conquistadores portugueses — que chegaram para ficar — a cobiça de ingleses e holandeses.

Dai a importância das fortificações do Pará. Os holandeses e ingleses, segundo os mais atentos historiadores, precederam os portugueses no Grão-Pará.

Já no primeiro decênio do século XVII os holandeses possuíam dois fortes. O de Orange e o de Nassau, na margem esquerda do rio Xingu, conforme relata o Barão do Rio Branco, em suas memórias. Isso obrigou os portugueses a cuidar da defesa, sob pena de não poderem consolidar a conquista pretendida.

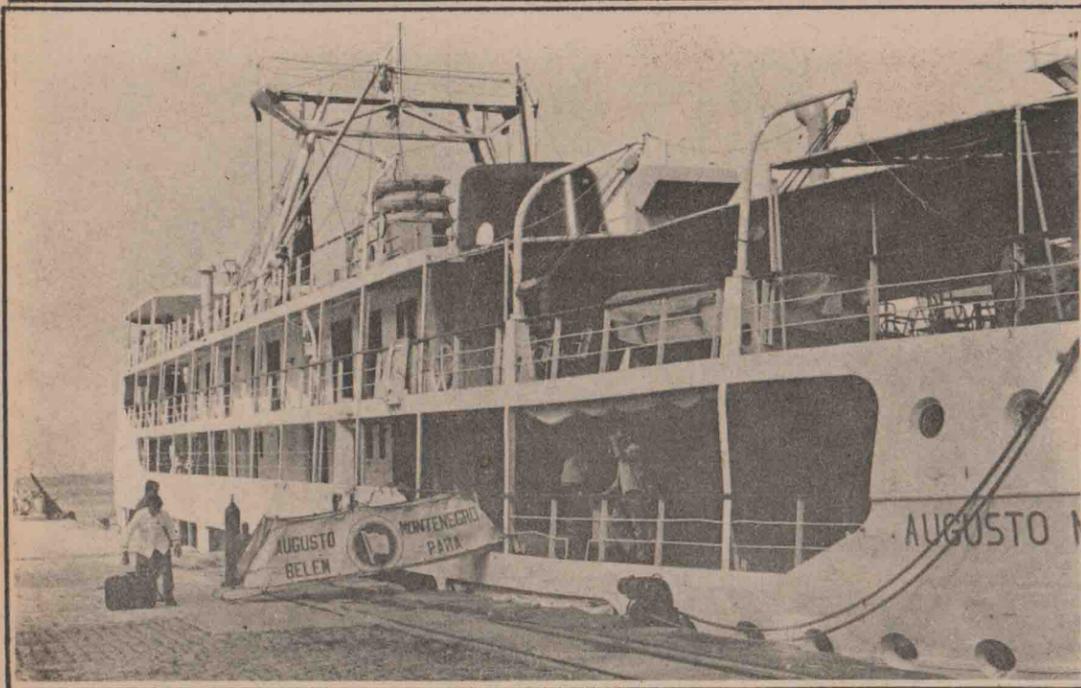
Em 1615, quando Alexandre de Moura, após a vitória so-

bre os franceses de La Ravadière, enviou ao Pará o capitão Francisco Caldeira Castello Branco, holandeses e ingleses singravam os rios da região com apoio nos fortes de Orange, Nassau e Gurupá, este último no lugar denominado Mariocay, em pleno rio Amazonas.

O primeiro forte português, o de Presépio, depois do Castelo, foi erguido para defender a cidade de Belém. Conforme alusão em outra reportagem desta série sua primeira pedra (ou estaca) foi lançada a 12 de janeiro de 1616. Esse forte representa o primeiro marco da antiga Feliz Lusitânia, que depois chamou-se N. S. de Belém do Pará.

Depois, sucessivamente, ou construídos pelos portugueses ou tomados de holandeses e ingleses, a bandeira portuguesa tremulou nas fortalezas de Maturú e Mariocay (tomados aos holandeses; Santo Antonio de Gurupá, fundado por Maciel Parente; Mandiutuba; Taurege e Felipe; os Fortes Camaú, Macapá, Desterro, Toheré, Cabo Norte, São Pedro de Nolasco, Fortaleza da Barra, Fortaleza de Obidos, Fortaleza de Santarém, Forte de Parú, Forte do Rio Guamá, Castelo do Senhor Santo Cristo, Vigia do Curiaú, Fortim N. S. das Mercês, da Barra, São José de Macapá, Reduto de São José, Bateria de Santo Antonio, N. S. de Nazareth de Alcobaça, Bateria da Ilha dos Periquitos, Vigia da ilha de Bragança e Bateria de Val de Cães.

AS FORTIFICAÇÕES DO PARÁ GARANTIRAM A CONQUISTA



PÉS DESCALÇOS, MÃOS SANGRANDO, SÃO ROMEIROS DO CIRIO DE NAZARÉ

Pés descalços, mãos sangrando, lágrimas, hinos, ladainhas. São os romeiros do Cirio de Nazaré — a festa máxima do Pará — que a cada 12 de outubro transforma a cidade de Belém na meca dos peregrinos "pagadores de promessa".

Considerada por muitos a maior festa religiosa do Brasil, ganha vulto e importância a cada novo ano. O Cirio de 12 de outubro último, segundo os cálculos da imprensa de Belém, concentrou no percurso da procissão um total de 400 mil pessoas entre fiéis e turistas, inclusive vindos do exterior.

O Cirio é das origens da colonização do Pará. O nome vem da grande tocha que era carregada nas procissões dos primeiros tempos de religiosidade popular. Há também os que atribuem o nome "Cirio" ao grande número de velas acesas que eram carregadas pelos fiéis ou pelas numerosas ofertas de artefatos de cera (milagres). A procissão é como um rio de extenso itinerário, que inunda a totalidade das ruas que vai da Catedral de Belém à Basílica de N. S. de Nazaré.

No esquema da procissão do Cirio, a corda é um espetáculo a parte, constituindo-se numa tradição que vem dos primórdios. Todo o con-

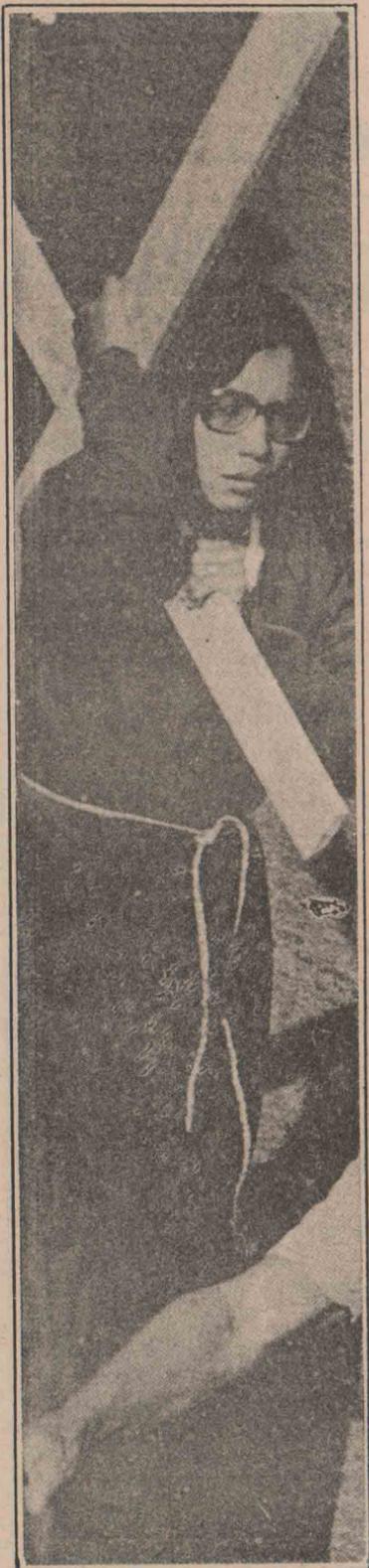
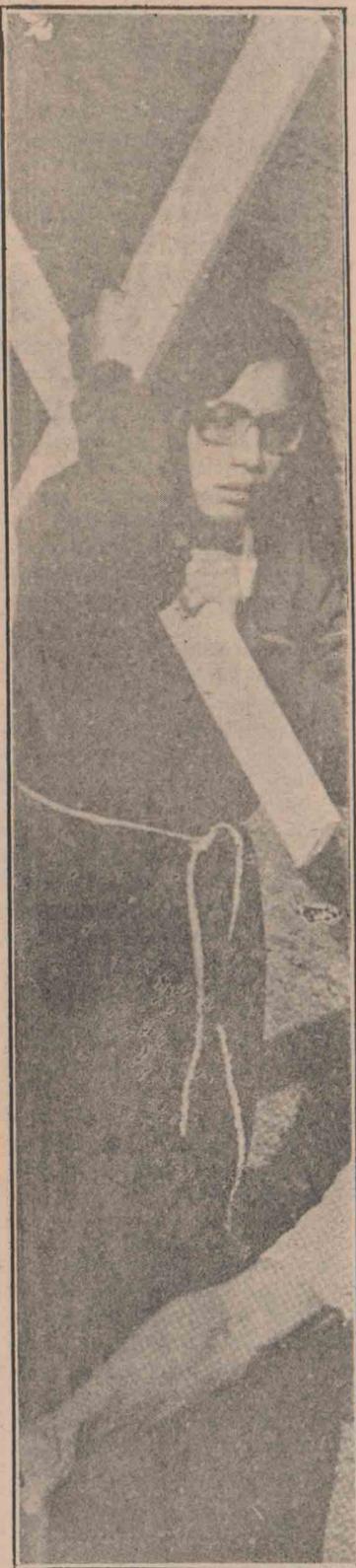
junto litúrgico do Cirio de Nazaré tem como ponto extremo, a corda. No quadro, que é mantido pelos promesseiros, precedido por uma banda de música, segue com absoluta regularidade, a berlinda (andor da santa), os bispos do Pará e dignitários convidados, o clero e as paróquias e seminaristas e irmandades. A seguir, distanciados pelo promesseiro do apito, vêm as autoridades e os convidados.

Em Belém, segundo a tradição, a maior honra que pode ser concedida a um cidadão, é convidá-lo a acompanhar o Cirio no interior da corda.

Festa nascida em Por-

tugal, sua origem é atribuída à devoção de um tal Fuaas Roupinho, que teria sido salvo de morte certa por milagre, no ano de 1182 (século XII). Sua divulgação no Brasil (estado do Pará) ter-se-ia dado por iniciativa dos padres jesuítas portugueses fundadores da vigia. No ano de 1700, um caboclo chamado Plácido teria encontrado a imagem da santa, que hoje é venerada no altar-mór da basílica.

O primeiro Cirio de Belém, segundo registra a crônica, aconteceu no dia 8 de setembro de 1793, tendo saído do Palácio do governo Dom Francisco de Souza Coutinho, percorrendo o mesmo trajeto que conserva hoje.



"Olhe compadre, nem quero lhe contar a triste sina deste meu barco a vela feito de tela de miriti. Eu trouxe ele mas foi pra colocar no Carro dos Milagres.

Promessa feita e jurada ao pé da imagem de Nossa Senhora do Retiro, na noite de lua cheia, três noites depois de medonho temporal.

*Tive que correr terra — o senhor pensa — pra cumprir dita promessa. E trazer com minhas próprias mãos, esta veleira copiada da fina canoa que o vento e a água reduziram a fanico na contracosta da Baía do Marajó. Só este criado seu escapou são e salvo por obra e graça de Deus e Nossa Senhora de Nazaré . . ." **Benedicto Monteiro — O Carro dos Milagres.***



A presença da mulher e . . .



dos homens na corda.

LIVROS

juan José mourião mosquera

psicologia social do ensino

2.ª EDIÇÃO

sulina



Em segunda edição, a Sulina acaba de lançar Psicologia Social do Ensino, de Juan José Mourião Mosquera, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Eis o texto da "orelha" desta segunda edição:

"Ao falar em psicologia ou em ensino estamos tocando dois dos grandes temas de preocupação de nossa época, de rápida mudança em todos os campos do conhecimento e do agir humano.

A união desses dois campos proporciona, sem dúvida, rico material de discussão, análise e, especialmente, pesquisa científica.

Este livro pretende oferecer um panorama de temas psicológicos com implicações no ensino, sem, de maneira alguma, esgotar o assunto. Antes, pelo contrário, levar a novos temas e quem sabe, à pesquisa de que estamos carentes em nossa realidade.

Preendeu-se fugir a uma linha econômica, do tipo manual, apelando muito mais para o capítulo-tópico, apontando problemas que devem ser analisados. Neste livro, nenhum assunto é totalmente terminado ou esgotado. Mas, ao contrário oferece possibilidade de revisão e, especialmente, de debate. Tal foi o nosso intento.

TURISMO, ANÁLISE E ORGANIZAÇÃO

Geraldo Castelli, Livraria e Editora Sulina, lançamento,

1975, Turismo, Análise e Organização. O autor é economista, professor na Faculdade dos Meios de Comunicação Social, com curso superior de Turismo, na Pontifícia Universidade Católica e coordenador da Unidade de Planejamento da Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul.

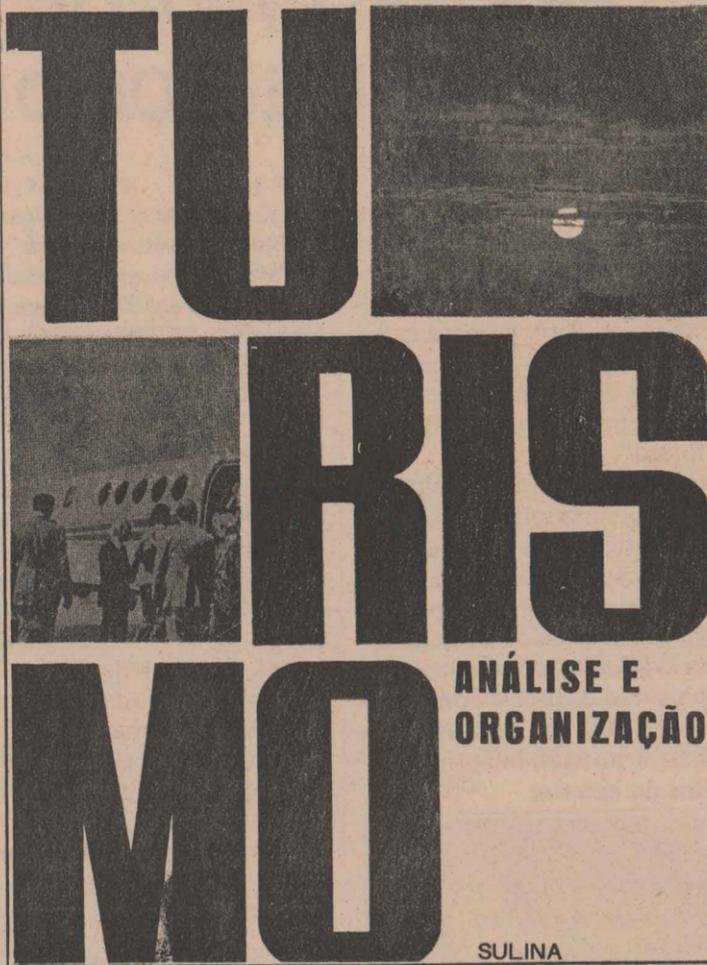
O texto a seguir consta da orelha do livro:

O turismo invadirá o Brasil. Este é um fato irreversível a médio e longo prazo. Turismo, Análise e Organização vem ao encontro desta fase de desenvolvimento do País, fornecendo elementos que possibilitem organizar cientificamente a indústria turística para transformá-la num elemento desencadeador do progresso brasileiro.

O turismo é uma fonte geradora de consumos, novos empregos, alojamentos, transportes, diversões, artes. É preciso que o Brasil traduza em fatos estas vantagens através de análise e organização do setor. É o momento de organizar o turismo como um produto sujeito ao jogo dinâmico da oferta e da demanda e, conseqüentemente, das modernas técnicas de venda.

O autor dividiu o trabalho em duas partes. Na primeira, enfoca as raízes do turismo, seu conceito e força sócio-econômica. Na segunda parte analisa o turismo como um produto que deve levar dentro de si os desejos do turista e as condições de satisfazê-lo, o que somente se consegue dentro de uma verdadeira concepção de "marketing".

GERALDO CASTELLI



SULINA

CENTELHA DE VIDA

M. A. Perez

Este novo livro de Erich Maria Remarque é um verdadeiro depoimento da aniquilação impune de milhões de pessoas nos campos de concentração nazistas durante a segunda guerra mundial de 1939 a 1945.

É a história da degradação do homem e de todos os crimes cometidos em nome de uma ideologia política alcançada até o fanatismo maior. Homens passaram a ser simplesmente números, transformaram-se em animais pelo tipo de vida sub-humana levada nos campos de concentração nazistas, totalmente destituídos de suas identidades e de toda dignidade humana — restando apenas uma centelha de vida em seus corpos e em suas mentes, doloridas e torturadas. Daí o título do livro: Centelha de Vida.

Torturados e torturadores, lado a lado sob a análise implacável de Remarque que mostra até que ponto os homens, quando donos do poder, podem degradar-se e degradar os demais, na vazão de seus instintos mais bestiais, suas consciências amoladas a uma "ética" nebulosa e autojustificativa.

Mas o instinto de sobrevivência prevalece de maneira impressionante, ainda mesmo nos estados da mais extrema miséria física e moral. Com CENTELHA DE VIDA, Erich Maria Remarque que já nos dera antes o famoso em todo mundo Nada de Novo no Front, é lançado no Brasil pela Record Distribuidora, em 392 páginas.

O PRÊMIO

Foi durante sua viagem a Estocolmo, entrevistando os juizes do Prêmio Nobel, que nasceu em Irving Wallace a idéia de escrever um livro (romanceado) a respeito do assunto. Durante quinze anos fez pesquisas, estudos, entrevistas. Amadurecida a idéia, fê-la desabrochar num livro explosivo — O PRÊMIO é seu título. Alguns consideraram-no difamatório à Instituição do Prêmio Nobel e por isso se tornou polêmico.

Entretanto, Wallace conseguiu aquilo a que se propunha: um livro envolvente sobre o assunto, suas origens, o sistema da escolha dos candidatos ao prêmio, e principalmente, o que se passa nos seus bastidores. Longe do conhecimento do público.

Seus personagens são fictícios, seis laureados, que não obstante seus méritos inegáveis são humanos e como tal tem suas fraquezas próprias, conflitos pessoais, vaidades e ambições humanas. Um novelista brilhante que procura afogar no álcool uma culpa passada, o casal de cientistas que vê seu casamento fracassar, o médico que alimenta um ódio neurótico pelo colega com o qual divide o prêmio de medicina... Uma íntima e penosa batalha.

O Prêmio, edição da Record Dist., é um livro realmente impressionante, espetacular, suas páginas cheias de real interesse.

VILA VELHA

A Editora Garatuja (rua Eça de Queirós, 153 — Porto Alegre), lançou Vila Velha, de Sérgio Jockyman, no que se constitui no primeiro volume de uma série com o mesmo título, com a assinatura do discutido jornalista gaúcho.

Brochura, 147 páginas, o livro reúne 30 contos de Jockyman, muitos deles, talvez a maioria, já publicados em edições dominicais do Correo do Povo.

Livro saboroso, gostoso mesmo, próprio para ser lido de uma "sentada" num fim-de-semana.

Para que os leitores tenham uma idéia do estilo picaresco, que é uma tônica em todo o livro, publicamos neste espaço apresentação de Vila Velha, na redação do próprio autor.

"Pois isso lá vai muito tempo, havia em Vila Velha um alemãozinho. Na verdade não era bem alemão, mas meio mestiço, porque a mãe era italiana. Mas a mistura por fora não se notava muito, porque também ele só era italiano por dentro. Assim o jeito era mesmo de alemãozinho feio, desses que já vêm predestinado para morrer trabalhando.

Como Deus quando tira, tira também em dobro, o vivente além de feio era também meio cego e além de cego era filho de boticário da oposição. Essa desgraça toda parece não ter importância mas tinha muito, porque se o alemãozinho fosse bonito todo o mundo ia ficar elogiando, se tivesse boa vista não ia perder tempo escutando e se o pai não fosse boticário, ele nem tinha o que escutar.

Mas como o alemãozinho era feio, ninguém dava por ele e como era meio cego, se davam, ninguém o mandava embora. Assim, ele podia ficar encolhido num canto, escutando com um ouvido novo mas já muito fino, tudo o que podia e tudo o que não devia escutar. E como não via cara, nem via corpo, enquanto escutava podia ir pondo bigode em tudo que era homem e ir levantando a saia de tudo que era mulher.

E escuta que te escuta, o alemãozinho foi crescendo, sempre cada vez mais feio e cada vez mais cego, até que num de repente veio alguém e lhe pos um par de óculos no nariz. Mas aí que susto, seu! Os homens não tinham bigode, as mulheres não levantavam a saia e nem o pai era mais da oposição.

E aí foi aquele aperto, trocar o lampião pela luz, o ouvido pela vista, a velha pela nova. E no que é que faço, o tempo foi passando, o alemãozinho virou brasileiro, pegou a ter filhos, pegou a ter saudade. pegou a ter asfalto e pegou a não ter dinheiro nem para o vento. E vai daí que uma noite se botou num canto e só para que nada daquilo se perdesse, começou a contar tudo o que tinha ouvido.

Pois assim nasceu Vila Velha que não fica ali nem fica aqui, que fica em toda parte mas não fica em parte alguma e que pensando bem e jurando em cruz, fica na verdade lá no fundo da botica, aonde se vocês olharem bem, vão ver um alemãozinho meio cego, sentado no primeiro degrau da escada, pondo bigode em homem e levantando saia de mulher, para que a dor da vida não doesse tanto e a alegria do mundo não acabasse tão depressa".

VOTO DE PESAR DA ASSOCIAÇÃO RIOGRANDENSE DE IMPRENSA

A Associação Riograndense de Imprensa, tendo em vista o incêndio que destruiu o terceiro pavimento de nosso edifício sede na madrugada de 9 de outubro que passou, endereçou ao diretor-presidente da cooperativa, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva, a seguinte manifestação de pesar:

"Cumpro com o dever de me dirigir ao distinto presidente, a fim de expressar a manifestação de pesar da Associação Riograndense de Imprensa, em face do incêndio que destruiu dependências do prédio da cooperativa, inclusive as instalações da redação do COTRIJORNAL.

Estendo a nossa solidariedade ao prezado colega e amigo, Raul Quevedo, diretor do jornal, informando que todos ficamos sentido como ocorrido.

Com os melhores votos pela recuperação do perdido e o

retorno da cooperativa e do jornal às suas plenas atividades, reitero os protestos de admiração e apreço.

Atenciosamente, Alberto André, presidente.

BIBLIOTECA DO COLÉGIO ESTADUAL RUY BARBOSA

Ao COTRIJORNAL
N/C.

Senhor redator: Ao tomar conhecimento da riqueza de assuntos do COTRIJORNAL, solicitamos a V. S. se digne contemplar a Biblioteca Machado de Assis do Colégio Estadual Ruy Barbosa, Caixa Postal, 244 Ijuí, com esse conceituado jornal

Informamos que a biblioteca não possui verba especial, que tem uma frequência de 300 alunos por dia e seu nível de 2º grau. Contando com a colaboração de V. S., antecipamos agradecimentos. Milton Koller, diretor; Ema Hocevar Spalding, coordenadora-geral da biblioteca.

ESTÁGIOS NA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DE SANTOS, SP

À redação do COTRIJORNAL. Prezados Senhores:

Levamos conhecimento de V. S. o funcionamento da ASSERP - Assessoria de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação de Santos, que tem por objetivo proporcionar estágios aos alunos do curso profissionalizante, assim como promover um intercâmbio de informações com órgãos públicos, empresários e público em geral, procurando esclarecer e conscientizar quanto a nossa profissão e sua importância.

Tendo em vista nossas atividades de pesquisa e consulta quanto às publicações existentes no mercado empresarial moderno, aproveitamos a ocasião para solicitar a V. S. que se dignem enviar-nos frequentemente exemplares de seu periódico. Atentamente, Sônia Ambrósio dos Santos, coordenadora.

CÂMARA DE CHIAPETTA APLAUDE COTRIJORNAL

Por motivo da passagem do Dia da Imprensa, ocorrido a 10 de setembro, a Câmara Municipal de Chiapetta aprovou voto congratatório ao COTRIJORNAL, " pelo seu conteúdo e nível pedagógico", estendendo o referido voto à toda a imprensa brasileira.

É o seguinte o texto da mensagem congratatória, comunicada a chefia de redação do COTRIJORNAL pelo presidente do legislativo chiapetense, vereador Neri Fernandes Enéas:

Sr. Redator do COTRIJORNAL. Assunto: Voto congratatório. Pelo presente ofício estamos encaminhando a essa redação o texto do voto-congratatório ao COTRIJORNAL pelo seu conteúdo e nível pedagógico ao meio rural e extensivo à toda a imprensa brasileira, pela passagem do Dia da Imprensa, ocorrido a 10 de setembro de 1975.

Sem mais para o momento, aproveitamos o ensejo para apresentar a V. S. nossos protestos de elevada estima e distinguido apreço. Atenciosamente, Neri Fernandes Enéas, presidente.

INCÊNDIO DESTRUIU 3º PISO DA COOPERATIVA

Incêndio motivado por curto circuito que irrompeu no terceiro pavimento da sede da cooperativa, na rua José Hickembick, destruiu os departamentos técnico e de crédito e as dependências de redação e arquivos do COTRIJORNAL, no amanhecer do dia 9 de outubro.

Graças a pronta ação dos bombeiros de Ijuí, que obedecem ao comando do tenente La-Hire Esteves Machado, o sinistro ficou restrito ao terceiro piso do prédio, conforme a foto que aparece nesta página.

Apesar da extensão do incêndio, as unidades de operação que atuam na sede da cooperativa estiveram paralisadas apenas no dia do incêndio, assim mesmo por determinação legal para o levantamento por parte da polícia técnica.

A direção da cooperativa adotou de imediato uma série de medidas, inclusive descentralizando os serviços para as unidades mais próximas, como Augusto Pestana e Ajuricaba e ocupando, por amável empréstimo, o prédio da Cripta da Matriz São Geraldo. Dessa forma, desde o dia 10 de outubro, os departamentos técnicos e de crédito e as seções de jornalismo e de comunicação e educação, funcionam nos referidos locais, por gentileza da Paróquia de São Geraldo.



PELOTAS SEDIARÁ ENCONTRO MUNDIAL SOBRE TOXICOLOGIA

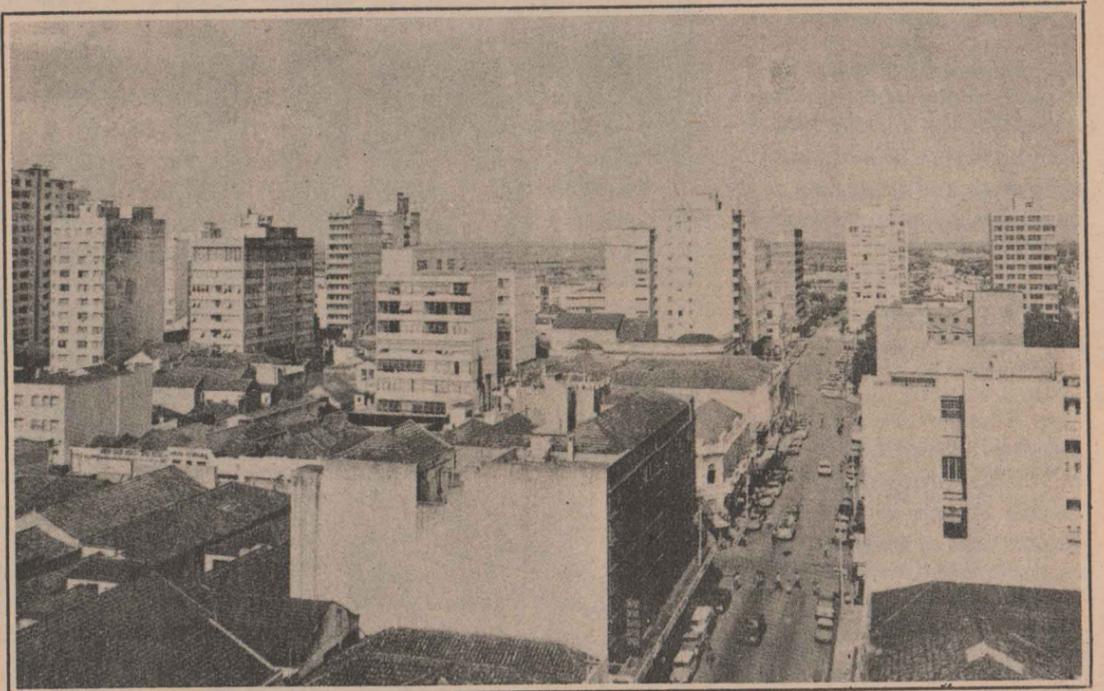
O Centro de Estudos Toxicológicos do Rio Grande do Sul — CET — vai realizar, no próximo ano, o Primeiro Encontro Latinoamericano de Formulações de Defensivos Agrícolas, a Segunda Convenção Nacional de Toxicologia e o Primeiro Encontro Mundial de Toxicologia, respectivamente nos meses de maio, julho e dezembro, disse o presidente do Centro, médico-veterinário Paulo Sampaio.

Em recente reunião entre os diretores científicos e o presidente do CET, foi aprovada a programação para o ano de 1976, que conta, além dos grandes eventos, com palestras mensais para os associados e pessoas especialmente convidadas, sobre toxicologia de defensivos agrícolas e metais pesados.

O 1º Encontro Latinoamericano de Toxicologia e Formulações será realizado

de cinco a oito de maio, em Porto Alegre. Além da participação de representantes de todos os países da América do Sul haverá também do México, que vem dando especial importância ao assunto.

A 2ª Convenção Nacional de Toxicologia será realizada em Pelotas, no mês de julho, na Universidade Federal de Pelotas. O presidente do Centro, como também a maioria dos diretores científicos, pertencem ao quadro de docentes da UFPEL. O prof. Sampaio explicou que o objetivo do 1º Encontro Mundial é reunir pesquisadores mundiais de renome para que abordem suas experiências e observações. "Somente dessa forma o Centro de Estudos Toxicológicos poderá saber e informar sobre o que está acontecendo no mundo com respeito ao uso dos defensivos agrícolas", asseve-



Vista da cidade de Pelotas.

rou Sampaio.

O CET, é atualmente, uma das entidades que mais projeta o Rio Grande do Sul

nos meios científicos internacionais no que diz respeito à toxicologia e poluição ambiental. Já está contando, no

momento, com mais de 500 associados de vários estados brasileiros e do exterior. Sua sede é na cidade de Pelotas.

SÃO PAULO PROMOVE ENCONTRO BRASILEIRO DAS SECRETARIAS

De 26 a 30 de janeiro do próximo ano, o Palácio das Convenções do Parque Anhembi, em São Paulo, estará promovendo o Encontro Brasileiro de Aperfeiçoamento Profissional para Secretárias.

Durante os cinco dias do en-

contro, secretárias de todo o País estarão assistindo e debatendo temas relacionados com seu setor profissional, visando o próprio aperfeiçoamento.

Todas as informações para participar desse encontro poderão

ser obtidas através da Caixa Postal, 30.329, rua Henrique Schumann, 424, São Paulo, Capital.

O Encontro Brasileiro de Aperfeiçoamento Profissional para Secretárias, é uma promoção da revista especializada, "Secretária", que se edita em São Paulo.

ESCOLA DE ÁREA DE IJUI

A Escola de Área de Ijuí e a Unidade Integrada de Ensino, promoveram no período de 21 a 26 de outubro, a Semana da Escola, constante de extensa programação cívica, cultural e esportiva.

O programa constou hora cívica festiva, na abertura da pro-

gramação, visita de alunos às escolas tributárias, encontro com os pais para avaliação de atividades escolares e entrega de boletins.

Nos demais dias de programação, retreta da banda municipal "Carlos Gomes" na praça da República, exposição-feira, con-

curso de pandorgas, encontro com os professores, gincana artística, palestra da delegada de educação, professora Hilda Durigon, inauguração da quadra de esportes com torneio de futebol de salão.

O encerramento da semana foi com churrasco de confraternização.

SOCIEDADE DE CHIAPETTA CONTINUA CAMPANHA DE SÓCIOS

Prosegue a campanha de novos sócios promovida pela Sociedade Recreativa e Cultural 25 de Julho, do município de Chiapetta. A referida entidade fundada a 6 de julho de 1952, tem hoje na presidência o sr. Luiz Carlos Machado. Na edição do mês de outubro do COTRIJORNAL publicamos a primeira relação de novos sócios daquela entidade. Re-

gistramos nesta edição mais os seguintes sócios: Adão Fagundes Ribas, Agenor Daronco, Balduino da Rosa, Clarindo Garcia de Souza, Constantino Demenighi, Claudino Aloisio Zimmer, Canisio Simch, Etvino Wagner Sobrinho, Enio Rospierski, Eloi Rick, Elzevir Schossler, Edison Augusto Hiller, Euclides Alves Bueno, Guilherme Zavaris, José Onofre B. Jac-

ques de Valença, João Carlos Rosendo de Mello, Julieta da Silva Leonor Schossler, Luiz T. Michæl, Lauro Schmitz, Martins Cesar C. Zambonato, Neo Altamiro Beskow, Olabo Brand, Otilio Rospierski, Paulo Renato Beckert, Protásio Lotermann, Raimi Vargas de Lima, Reinoldo Schaffer, Romir Maboni, Selvino F. Canava, Werno Schossler e Walter Beck.

GALERIA DE EX-PRESIDENTES DA SOCIEDADE DE AGRONOMIA



Em prosseguimento às festividades da Terceira Semana do Engenheiro Agrônomo, foi inaugurada dia 13 de outubro nas dependências da sede da Sociedade do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, a Galeria dos Ex-Presidentes desta associação de classe. Os ex-presidentes, em número de 17 são: Mário de Oliveira, Dario Brosard, Jorge Godofredo Felizardo Darcy de Almeida Furtado, Cláudio Osório Pereira, Geraldo Veloso Nunes Vieira, Cícero Menezes de Moraes, Jorge Guimarães de Oliveira, Guido Faustino Correa, José Porfirio da Costa Neto, Cláudio Barbosa Torres, Áureo Elias, Luiz Carlos Pinheiro Machado, Hildebrando de Oliveira Prates, Sylvio Bonow, Renato Albano Petersen e José Lauro de Quadros, pela ordem de gestão.

Na mesma ocasião foram entregues diplomas de sócio benemérito aos seguintes associados com mais de 40 anos de atuação na

Sociedade de Agronomia: Alberto Lopes da Silva, João Paes Vieira, Juarez Pereira Rego, Percy Mundt, Janurário Chagas Franco, Breno Goulart Reis, Ita Borges Simões Pires, Álvaro Machado Xavier, José Porfirio da Costa Neto, Agnelo Correa Filho, Idilio Silveira Haubmann, Jomar Valle, João Osório Marques, Zeferino Pereira Luz, Acimar Noronha Marchant, Fidêncio Luiz Bragança, Agnelo Martins Bastos Filho, Manoel Pereira Netto, Francisco Simões da Cunha, Cícero Menezes de Moraes, Napoleão Correa de Barros, Victor Alves Pacheco, Geraldo Veloso Nunes Vieira, Antonio Pinto Rego Junior, Boaventura Azambuja Centeno, Waldemar Ramos Lago e Gaspar Gomes de Freitas.

Durante a solenidade usou a palavra o presidente da SARGS, eng. agr. Enildo Diniz Caldeira, tendo agradecido em nome dos homenageados o eng. agr. José Lauro de Quadros.

A SOCIEDADE DE AGRONOMIA SUGERIU MEDIDAS DE CONTROLE TOXICOLÓGICO



O presidente da SARGS (ao centro), eng. agr. Enildo Diniz Caldeira, ao revelar as conclusões do Simpósio durante a seção de encerramento.

Com a participação de autoridades e técnicos e convidados especiais, a Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul — SARGS — de Porto Alegre, promoveu o Simpósio de Toxicologia de Pesticidas e Envenenamento Ambiental, aberto a todas as categorias de nível técnico-científico.

A nível de conferencistas, participaram os seguintes especialistas: Waldemar Ferreira da Almeida, Samuel Schwartzman, Maria Elisa Wohlers de Almeida, Durval Mello, Carlos Celso do Amaral e Silva, Hélio Teixeira Alves, Elio Corseuil, Milton Souza Guerra, José Antonio Lutzenberger, Lysis Sadurnay Aloe, Clóvis e Rê-mulo Ciola, que abordaram os seguintes temas, pela ordem:

Ecologia e sobrevivência, pragas; controle químico e suas perspectivas; uso de pesticidas: conjuntura atual; resíduos de pesticidas em alimentos, pesticidas e a saúde humana; pesticidas e a saúde animal; pesticidas e a poluição ambiental; legislação brasileira de pesticidas e o ambiente natural — pesticidas — produção de alimentos.

Das conclusões técnicas alcançadas pelo Simpósio, a Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul deliberou tomar as seguintes deliberações:

AO GOVERNO FEDERAL

Recomendar a rotulagem dos vidros e incólucros de pesticidas. O rótulo dos pesticidas devem conter, entre outras informações, o período de segurança entre a aplicação do produto e a

época em que se pode andar nas lavouras que foram tratadas.

A justificativa para esta medida e que tem se registrado nos últimos anos, com o crescente uso de pesticidas, inúmeros casos de intoxicações agudas e crônicas em agricultores. Muitas dessas intoxicações ocorrem porque os agricultores não tem conhecimento do período de segurança, isto é, o período entre a aplicação do produto e a época que se pode andar nas lavouras tratadas. Por outro lado, em muitos rótulos de inseticidas domésticos, as informações são abreviadas e não antecipam esclarecimentos ao médico que venha a prestar atendimento a um paciente intoxicado.

Propõe a SARGS que os rótulos dos inseticidas de uso doméstico e de defensivos agrícolas tragam necessariamente as informações com absoluta clareza para possibilitar a ação do médico nos acidentes de intoxicações. Recomenda ainda que no rótulo dos pesticidas conste a sua ação tóxica ou não tóxica, para as abelhas.

LISTA DE SUBSTÂNCIAS E A VENDA RESTRITA

Recomenda a SARGS a elaboração de uma lista de substâncias perigosas para o homem, para os animais, insetos úteis e plantas. Essas substâncias deverão ter sua venda restrita e mediante receituário de engenheiro-agrônomo, para se proteger a população e o meio-ambiente.

Recomenda também a criação de centros de informação toxicológica, que possam fornecer a qualquer hora do dia ou da noite, informações precisas sobre

diagnósticos de laboratório, diagnósticos clínicos, tratamentos e antídotos a respeito dos pesticidas.

Sugere por outro lado a instalação de laboratórios de vigilância, onde se efetue com frequência a análise dos alimentos, para se saber que teor de pesticidas os mesmos contém.

TREINAMENTO DE APLICADORES

A SARGS enfatiza igualmente a necessidade de se realizar cursos de aplicadores de pesticidas. Tendo em vista que os pesticidas são produtos capazes de provocar graves intoxicações agudas ou crônicas, é necessário que as pessoas que irão manipular tais substâncias tenham plena consciência do perigo que representa sua má aplicação e manipulação.

Devem ser criadas estações de aviso, para a determinação correta das épocas de tratamento fitossanitário através do levantamento semanal dos dados meteorológicos e dados populacionais referentes às pragas ocorrentes nas lavouras.

A SARGS deliberou recomendar a impressão de monografias sobre pesticidas com a finalidade de disseminar o maior número de conhecimentos sobre esses produtos. Essas monografias se caracterizarão por campanhas de uso adequado dos pesticidas, a fim de minimizar seus efeitos toxicológicos.

Recomendou, finalmente, que os governos federal e estadual apoiem medidas de controle integrado, a fim de que os objetivos sejam mais amplos e em menor prazo.

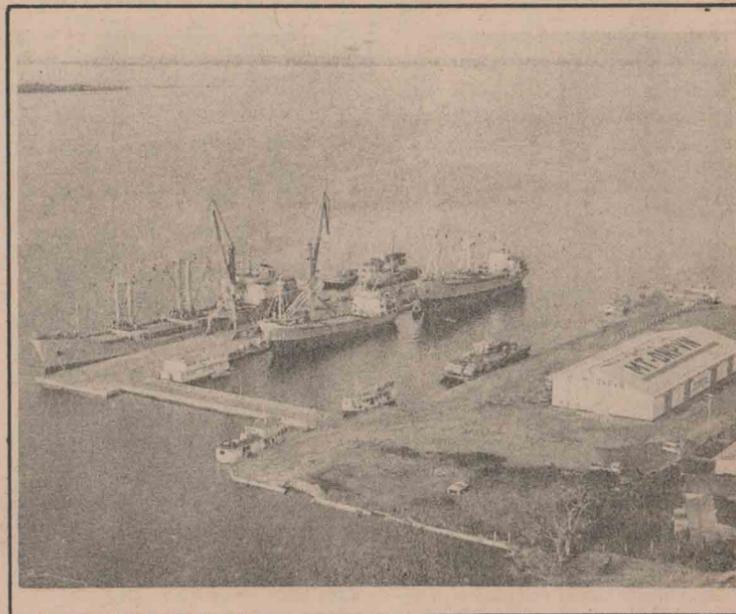
O MODERNO PORTO DE SANTARÉM

A cidade paraense de Santarém é banhada pelo Tapajós, um caudaloso rio de águas claras; tão claras que ao se encontrarem com as barrentas águas do rio Amazonas (o encontro dá-se em frente a Santarém) relutam em se misturar.

O espetáculo do grande rio dividido (metade azul cristalino, metade amarelo-barrento),

é uma das atrações turísticas de Santarém.

Outra atração de Santarém é o seu porto fluvial, construído em estratégico local, exatamente no quilômetro final da estrada Cuiabá-Santarém. Trata-se de porto moderno com excelente cais acostável construído pelo DNPVN, a margem direita do Tapajós, cuja foto estampamos abaixo.



REALIZADO ENCONTRO DO PROFESSOR EM CHIAPETA

Promovido pelo Convênio Cotrijui-Fidene, foram realizadas palestras de professores sobre a Língua Nacional nas atividades didáticas, durante encontro em Chiapeta. O encontro teve a coordenação da professora Walburga Arns e Deonísio da Silva, a primeira diretora da Escolinha de Artes e o segundo do Departamento de Letras da FIDENE. Participou também o professor José Paulino da Silva, cursista da Fundação Getúlio Vargas.

Damos a seguir, o relato feito em conjunto por aqueles professores:

★ ★

PERGUNTA: O que podemos fazer num encontro com os que trabalham na educação de primeiro grau no meio rural? **RESPOSTA:** ouvir. Essa deve ser, a nosso ver, a condição de possibilidade de um encontro onde se busca antes de tudo contar com a participação de todos os que acorrem para esses encontros.

O que vêm fazer em tais reuniões esses professores, o que buscam, quais suas esperanças ao por em comum os problemas que os cercam?

Convém lembrar, parodiando um grande escritor brasileiro, que o professor do interior é antes de tudo um herói. Ou se quiserem: um mágico, um bruxo que por força das circunstâncias (e de sua vocação?) está destinado a uma prática social bastante precária ainda, dadas as condições adversas em que trabalham muitos professores ainda, não obstante os reiterados esforços feitos para o aprimoramento da

educação de primeiro grau nesse país.

A nós, que queríamos proceder a um levantamento de certos problemas fundamentais, comuns à maioria desses professores — eles nos deslumbraram, provocaram nossa admiração. E por dois motivos principais, entre muitos: pela sinceridade e pela lucidez. Pois não basta a alguém ser somente sincero para identificar seus problemas. É preciso ser também lúcido. E os

professores demonstraram essas qualidades, vistas até mesmo em simples conversas informais que com eles mantivemos também fora das salas de reunião. Ouvimos e depois dizemos certas propostas, tendo o cuidado de fundamentar tais propostas no levantamento de situação que pouco a pouco ia se delineando: um contava uma coisa, outra apontava uma dificuldade, outro sugeria uma possível solução adotada em problema semelhante ao

apresentado por outro colega e assim por diante. De grão em grão a galinha enche o papo. Ficamos conhecendo um pouco a situação em que trabalham os professores rurais de Chiapeta, que não deixa de ser uma situação comum a várias outras localidades.

Aproveitando sugestão dos próprios professores indicamos certas alternativas para o ensino da Língua Nacional que o COTRIJORNAL oferece, especialmente o seu SUPLEMENTO INFANTIL 'COTRISOL'. Entre outros temas, abordou-se também o problema de leitura dos alunos e o da análise e interpretação de textos adequados ao primeiro grau. E para concluir, uma boa notícia: é pensamento do COTRIJORNAL fazer circular, no futuro, um suplemento dedicado aos professor que irá acompanhar o atual Suplemento Infantil, que vem tendo largo uso nas escolas de primeiro grau do interior, principalmente.

POSSE DO SINDICATO DE PORTELA

Tomou posse no dia 2 de outubro próximo passado a diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tenente Portela, eleita dia 3 de agosto do corrente ano.

Concorreram duas chapas, sendo eleita a chapa nº 2, cuja diretoria ficando assim constituída: presidente, Fermínio Soares Netto; secretário, Odirige Antonio Bertol; tesoureiro, Wal-

ter José Irber. Suplentes: Theobaldo Elsembach, Ermindo Avrella. Conselho Fiscal Efetivos: Severo Pereira dos Santos, Arlindo Luccas, Linovictório Golfetto. Suplentes: Maxinino Otobeli e Arnaldo Eduardo Schowanz, Delegados efetivos: Romeu Nicoletti, Nelson Girardi, Walter José Irber. Suplentes: Salvador Correa e Lino Domingos Vicenzi.



Os membros da nova diretoria do sindicato portelense.

COOPERATIVISTAS MINEIROS VISITARAM ESTA REGIÃO

Dia 21 de outubro último recebemos a visita de representantes de quatro cooperativas mineiras de produção de leite. A caravana estava composta de 16 pessoas e além dos dirigentes cooperativistas acompanhavam também dirigentes do INCRA, OCERGS, BNCC, e SUDECOOP.

O objetivo da visita foi a troca de experiências entre cooperativas de outras áreas de ação e de outras regiões. Esse intercâmbio de cooperativas é coordenado pelo INCRA e ainda este mês cooperativas de nossa região estarão retribuindo a visita aos mineiros.

Na COTRIJUI, os mineiros visitaram além das instalações da sede da cooperativa, o supermercado e armazéns graneleiros de Ajuricaba.

Posteriormente, no auditório da nova sede da COTRIJUI, o prof. Arnaldo Oscar Drews e Euclides Casagrande falaram aos visitantes sobre o funcionamento administrativo da cooperativa, recebimento e transporte de cereais. Ao final os visitantes fizeram várias perguntas com referência a cooperativa em geral, sobre aquilo que ouviram e observaram quando da visita a esta região.

CURSO NA LINHA 6 NORTE

Teve início dia 24 do mês passado o 2º curso de contabilidade agrícola e legislação trabalhista promovido pelo Convênio Cotrijui/Fidene, para agricultores da Linha 6 Norte, Ijuí. O curso desenvolve-se em duas etapas. Outros cursos dessa natureza já es-

tão previstos para Cel. Barros Salto e Linha 15, Ajuricaba.

Ao final são escolhidos alguns agricultores de cada localidade que, assessorados por funcionários da cooperativa fazem suas anotações de custos.

Basagran®

Nunca houve um herbicida para soja igual a este.



Basagran é o último estágio de evolução tecnológica na cultura da soja.

10 anos de experiências em laboratórios e campos de pesquisas permitiram a criação do herbicida definitivo para a soja.

Basagran, o único herbicida post-emergência para soja. Isso quer dizer segurança.

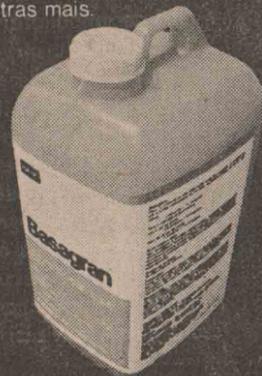
Você aplica apenas onde aparecem as invasoras de folhas largas. Não precisa aplicar em toda a lavoura.

Basagran não depende do tipo de solo, nem da ativação pela água da chuva.

Basagran é único. Basagran é a solução definitiva contra o Picão Preto, Guanxuma, Nabo, Corriola, Chifre de Veado, Erva de Bicho, Picão Branco, Quinquilho e a Trapoeraba. E contra muitas outras mais.

Consulte sua cooperativa, seu agrônomo ou diretamente o corpo técnico da Basf sobre a utilização e aplicação correta de Basagran. Basagran é econômico. Você resolve o problema e ganha muito mais na colheita final da soja.

Basagran - nunca houve um herbicida para soja igual a este.



BASF

Luis Fernando Veríssimo

SONHO

Sou um homem irremediavelmente urbano. De nascença e convicto. E como todo homem urbano, sou um nostálgico pelo campo. Uma nostalgia estranha, pois é como ter saudade de uma coisa que nunca se conheceu. Construímos uma ficção sobre a vida pastoral e a sustentamos por toda a vida como uma espécie de alternativa idílica para as agruras da cidade e da vida moderna. E se vamos tão pouco ao campo, desconfio que é para não nos desiludirmos. A ficção do campo geralmente é melhor do que o campo de verdade. Mais confortável, pelo menos.

Na nossa versão romantizada, o campo é uma fazenda em algum lugar indefinido do interior gaúcho. No planalto, é quase certo, pois o campo sonhado tem que ter coxilhas. E nesta fazenda imaginária, onde faz sempre bom tempo e a crise nunca chega, nos acordamos de madrugada para tomar leite ainda morno da vaca e comer ovos ainda frescos da galinha. (Confesso que chimarrão, para mim, nem em sonho). Saímos a cavalgar sobre a relva ainda orvalhada, respirando o ar frio da manhã e limpando os pulmões de centenas de anos de civilização industrial. O almoço é de muitas variedades de carne, arroz, quibebe, mogango caramelado, água fria do poço e sesta. À tarde, banho de açu até escurecer, depois jantar, ouvir causos no galpão e dormir cedo que amanhã tem mais.

Claro que o sonho não inclui todo o arcabouço social e econômico que seria necessário para manter esta ficção. Uma fazenda lucrativa o bastante para nos permitir tanto tempo livre e boa disposição para aproveitá-lo. Empregados suficientes para nos garantir o leite morno, os ovos frescos, a carne bem assada, os causos no galpão e a cama feita para dormir. Nenhuma preocupação com o preço do boi, as pragas da lavoura, as perspectivas do mercado, os empréstimos a saldar. Nossa fazenda sonhada não teria insetos e répteis para nos ameaçar o sono e a pele, nem dias de calor apastante ou de frio tão úmido que contrai os ossos. E, claro, precisa ter um gerador e luz elétrica, pelo menos para ver o "Kojak" de vez em quando ou os jogos do Internacional. E não deve ser muito longe de um bom cinema. E de um razoável restaurante com pratos internacionais, porque churrasco também cansa. Ah, e acesso fácil a jornais, revistas e os últimos lançamentos em matéria de livros...

Quer dizer, sonhamos com o impossível: uma fazenda urbana.

Estive há poucos dias em Cruz Alta, acompanhando o meu velho numa viagem sentimental à terra natal. A casa em que ficamos hospedados é numa das ruas principais da cidade, e tive alguma dificuldade em dormir. É que era um fim-de-semana, e durante boa parte da noite os carros com descarga aberta da juventude local corriam de um lado para o outro, numa barulhenta paródia da vida agitada nas grandes metrópoles. E eu fiquei pensando que aqueles jovens de descarga aberta também sonham com uma alternativa impossível para as suas vidas. Eu sonho com a paz de um campo que não existe e eles sonham com uma cidade em constante ebulição onde aos sábados ninguém dorme. O que não me leva a nenhuma conclusão, a não ser a de que a vida é uma coisa engraçada. E isso você já sabe.



DEFALCADA COLEÇÃO DO "CORREIO BRAZILIENSE"

Fato de extrema gravidade foi denunciado pelo Jornal do Brasil, em sua seção Informe JB, edição de 25 de outubro último. Refere-se ao desaparecimento de 26 volumes da coleção do CORREIO BRAZILIENSE das estantes da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

Segundo denuncia o jornal carioca, o historiador José Honório Rodrigues dirigiu-se à Biblioteca Nacional para consultar um número do jornal histórico, quando um funcionário da Biblioteca descobriu que uma das coleções estava defalcada: alguém retirara 26 volumes dos 29 que constituem a obra completa do CORREIO BRAZILIENSE.

O CORREIO BRAZILIENSE, jornal de Hipólito José da Costa foi editado em Londres de 1808 a 1823, constituindo-se no baluarte da pregação do espírito de brasilidade, numa época em que era crime ser brasileiro.

O CORREIO BRAZILIENSE, primeiro jornal brasileiro, a despeito de ser editado desde o exterior, é hoje obra rara no Brasil, sabendo-se da existência

apenas das duas coleções da Biblioteca Nacional, uma delas agora defalcada em 26 volumes.

Urge uma investigação drástica para apurar responsabilidade no fato. O CORREIO BRAZILIENSE é um repositório de fatos políticos, sociais e econômicos do mundo, no período que marcou a sua circulação.

O desaparecimento é tanto mais doloso na atualidade, depois da projeção dada ao patrono da imprensa brasileira e ao seu jornal, graças a Comissão Hipólito da Costa criada em Porto Alegre, na sede da Associação Rio-grandense de Imprensa e que culminou com uma série de solenidades em todo o País, inclusive com a emissão do selo Imprensa por parte da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Achamos que o fato é doloso, pois pode haver, no caso, mais do que o interesse histórico da obra em face à sua raridade, tentativa de venda a preço que hoje seria impossível avaliar.

Compete às autoridades educacionais a busca e localização dessa verdadeira raridade que é o



Hipólito José da Costa.

jornal de Hipólito da Costa, e a punição exemplar do responsável por seu desaparecimento.

INFORMAÇÃO, NOVO JORNAL EM IJUI

Ijuí conta com mais um jornal. Está circulando desde o dia 31 de outubro, o *Semanário de INFORMAÇÃO Política*, órgão de propriedade da Editora Informação Ltda, que obedece a direção editorial do veterano jornalista Jefferson Barros.

O número de estréia de "Informação", cuja gama de assuntos focalizados aborda política, produção, religião, economia, cultura e variedades, traz um variado número de colaboradores. O cronista e cartunista Edgar Vasques, até ha pouco integrante da redação da *Folha da Manhã*, de Porto Alegre e o deputado emebista Waldir Walter, são os dois nomes mais conhecidos do elenco de colaboradores.

Ao "Informação", desejamos os melhores êxitos na nobre porém difícil missão de informar o público.

semanário de
informação
política

IJUI, 31 DE OUTUBRO DE 1975/NO 01 - C\$ 2,00

BOLICHO
NÃO LUCRA,
SOBREVIVE
Página 8

WALDIR WALTER
PRESTIGIA
O "INFORMAÇÃO"
Página 2

RANGO, UM
HERÓI
ESFOMEADO
Página central

RELIGIÕES POPULARES / p. 4 e 5



O LEITEIRO

página 3

CENTRO NACIONAL DE PESQUISA DO TRIGO. 1 ANO DE SERVIÇOS

Com o objetivo de estudar os problemas das diferentes regiões produtoras de trigo de nosso país e consequentemente atingir maior produtividade na cultura do trigo, foi criado há exatamente um ano, O Centro Nacional de Pesquisa de Trigo.

Situado em Passo Fundo, na base física do que havia sido anteriormente a Estação Experimental de Passo Fundo, foi instalado a 28 de outubro de 1974, com a presença do Presidente da República, o Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, o primeiro centro nacional de pesquisa implantado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA.

Visando pesquisar os problemas que afetam a triticultura nacional estão empregados no CNPTrigo 242 pessoas, estando seus pesquisadores trabalhando nas áreas de melhoramento, entomologia, fitopatologia, práticas culturais, solos, economia, agrometeorologia, tecnologia de sementes e difusão de tecnologia.

Neste primeiro ano de atividades foram criadas três novas variedades de trigo pelos melhoristas, a CNT-1, CNT-2 e CNT-3.

Dentre outros resultados obtidos este ano, pode-se ressaltar que já se tem comprovação, em áreas de lavoura, de que a aplicação de fungicidas e inseticidas asseguram um rendimento acima de 1.800 kg/ha, mesmo em anos desfavoráveis. O custo dessa adoção corresponde ao valor de 200 kg de trigo, o que determinaria um ganho de 400 kg/ha. Esse ganho considerado os 1.600.00 ha cultivados no Rio Grande do Sul corresponderia a um aumento de produção total de 640.000 toneladas, que ao valor atual equivaleria a Cr\$ 1.066.240.000,00.

Neste ano procurou-se recomendar e estudar o potencial de produção de trigo, quando se controlam as pragas e doenças. Nestas condições podem ser alteradas as recomendações de adubação, de variedades e mesmo de

densidade de plantio, fornecendo aos triticultores um novo sistema de produção.

À medida que se desenvolvem as pesquisas sobre controle de doenças e pragas através de defensivos, um grande esforço está sendo realizado para a solução genética desses problemas. Estão sendo desenvolvidas pesquisas de resistência às ferrugens do colmo e da folha, as septorioses da gluma e da folha, o oídio ou cinza, a helmintosporiose, a giberela e as viroses. À medida que essas fontes são identificadas vão sendo incorporadas aos programas de cruzamento.

O Centro Nacional de Pesquisa de Trigo desenvolve suas atividades também em colaboração com outras entidades, como a FECOTRIGO, a Secretaria da Agricultura do Estado do Rio

Grande do Sul, em Londrina com a Fundação Instituto Agrônomo do Paraná, Universidade e outras instituições, além de receber valioso apoio da FAO.

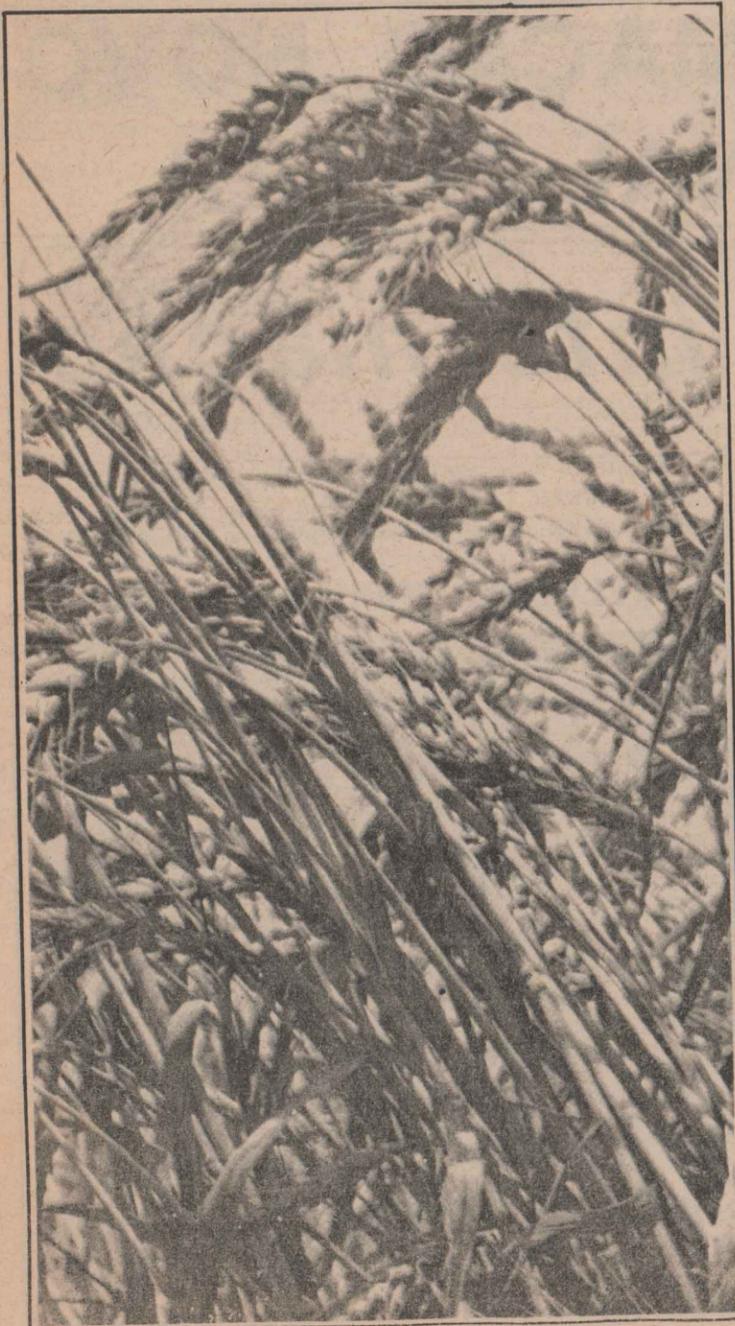
Para atender às necessidades de todas as regiões produtoras de trigo do país estabeleceu o CNTrigo atividades-satélites em Londrina, em Brasília e em Dourados. Em Londrina está sendo desenvolvido um trabalho de criação de variedades mais adaptadas àquela região; estuda-se também o controle de doenças e pragas, desenvolvem-se estudos de fertilidade de solos, experimentação e multiplicação de variedades.

Em Brasília vem sendo realizado um trabalho de geração de verão, que consiste na condução de plantio de verão naquele local, visando acelerar o processo de seleção de variedades. Além deste

trabalho, está sendo desenvolvido um programa de introdução da cultura do trigo em áreas irrigadas e um pequeno programa de criação de variedades.

Já em Dourados, no sul do Mato Grosso, realiza-se experimentação de variedades e se desenvolvem estudos de métodos de semeadura, para evitar perdas de água do solo e estuda-se a possibilidade de produção de trigo irrigado naquela região.

Em 1975 estão sendo desenvolvidos no Centro Nacional de Pesquisa de Trigo 60 subprojetos de pesquisa, aos quais correspondem 248 experimentos, com um total de 150.656 tratamentos e 274.241 parcelas experimentais. Pela primeira vez no Brasil se faz um esforço tão grande para resolver os problemas da produção de trigo.



adubos
pampa s.a.
o verde da terra
CANOAS

REPRESENTANTES: Comércio e Representações Agrícolas Caçula Ltda.
R. 15 de Novembro, 448 - IJUI - RS.

PREÇOS DOS EQUIPAMENTOS AGRÍCOLAS (4)

ENG. AGR. NEDY RODRIGUES BORGES

Nos números anteriores do COTRIJORNAL enfocamos diversos aspectos ligados aos equipamentos agrícolas em nossa região. Temos recebido inúmeras palavras de entusiasmo e incentivo de nossos associados, além de pedidos para que a COTRIJUI interfira nesse mercado a fim de controlar seus preços.

O crescimento da agricultura nos últimos anos — embora desordenado e no sentido horizontal — vem suportando os erros de nosso modelo econômico e, de certa forma, fortalecendo nossa frágil estrutura produtiva. Esse crescimento tem sido conduzido através de diversos programas de crédito estabelecidos pela política governamental.

Se por um lado o crédito tem sido fundamental na criação de condições adequadas para o desenvolvimento da agricultura, por outro lado a sua facilidade tem permitido a elevação constante dos preços de tudo o que a agricultura necessita. Entretanto, a fragilidade de nossa estrutura agrícola é sentida quando ocorre uma frustração de trigo ou soja. A péssima colheita de trigo nesta safra é prenúncio de dias difíceis para todos. Devemos redobrar esforços no sentido de garantir um bom rendimento da lavoura de soja. Caso isso não ocorra, então teremos uma oportunidade de testar a fragilidade dessa estrutura agrícola.

Os programas de crédito instituídos pelo Governo são frutos do sacrifício de todos os brasileiros, razão pela qual a sua aplicação deve ser cuidadosamente controlada a fim de produzir o máximo de efeito. Dentre os programas de crédito existentes, o de financiamento de equipamentos agrícolas traz diversas falhas que necessitam ser corrigidas. Equipamentos sem garantia de qualidade e sem controle de preços são financiados sem restrições. A variação de preço chega a úl-

trapassar 50% do valor em equipamentos semelhantes e é consequência da jovem e ainda desorganizada estrutura industrial. Entretanto, o que assusta a todos é a margem dos revendedores que varia de 20 a 30% do preço do equipamento. Considerando o alto valor desses equipamentos, com toda a segurança podemos afirmar que essa margem é alta demais e não se justifica. Os próprios revendedores afirmam isso e cedem parte de sua comissão aos agricultores que adquirem seus produtos. Numa semeadeira adubadeira que custa Cr\$ 22.829,00, o revendedor ganha em torno de Cr\$ 6.700,00.

Esse dado mostra a maneira de se ganhar fácil numa época de sacrifícios e justifica plenamente o grande número de escritórios de representações que existem na região produtora do Estado. O Governo que isentou de ICM e IPI esses equipamentos a fim de reduzir seus custos e estimular a produção agrícola e pecuária é responsável principal por essas margens que são honestamente abusivas. As indústrias que permitem essa margem exagerada e obrigam os seus revendedores a seguirem suas tabelas de preços devem ser melhor fiscalizadas pelos órgãos governamentais.

A COTRIJUI, que vem estudando a maneira mais conveniente de fazer chegar esses equipamentos por preços mais acessíveis e seus associados, foi surpreendida com propostas de algumas indústrias condicionando a venda de seus produtos à obrigatoriedade de seguir os preços de sua tabela.

Como hoje a quase totalidade dos equipamentos são financiados, o próprio Governo que vem permitindo essa margem exagerada e estimulando esse tipo de negócio rever sua política de controle de custos e estabelecer com urgência critérios mais justos.

Caso isso não ocorra o pre-

ço da produção agrícola estará fora da possibilidade de aquisição da grande massa de trabalhadores brasileiros. Por outro lado não teremos condições de competir no mercado internacional com a produção agrícola e pecuária de outros países melhores organizados.



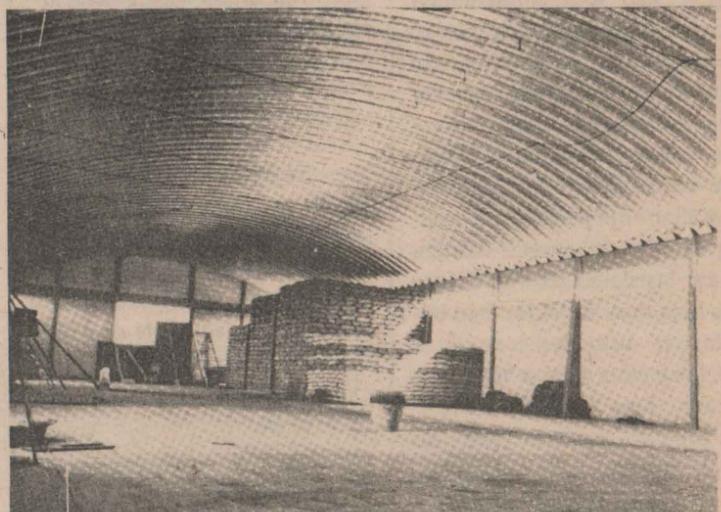
CADASTRAMENTO DE BENS DE ASSOCIADOS

O cadastramento que vem sendo realizado pela COTRIJUI é importante para todos os associados, principalmente para você.

Não espere ser chamado!

Vá até a cooperativa e preencha seu cadastro, o mais breve lhe for possível.

GALPÃO RURAL «IMASA»



Você faz a terraplenagem do terreno e não se incomoda com mais nada.

O preço total da obra é determinado previamente.

Não há perigo de estourar o "orçamento".

Preço altamente vantajoso. Qualidade comprovada. Garantia total. Financiado pelo Banco do Brasil.

Excelente acabamento. Projetado para atender aqueles que se orgulham em dirigir uma fazenda bonita e bem organizada.

↑ interno externo ↓



Informações com os representantes

GRUPO INDUSTRIAL IMASA

BR 285 - KM 340 - FONE 2689 - IJUI - RS



PECUÁRIA LEITEIRA (III)

Eng. Agr. RENATO BORGES DE MEDEIROS

Nesta sequência de artigos sobre a pecuária leiteira estamos procurando levantar problemas e sugerir as soluções que julgamos adequadas. Quando analisamos a atuação dos produtores, evidenciamos que as atitudes que eles vêm assumindo precisam ser disciplinadas. Mostramos, por fim, que eles devem se unir para buscar uma solução comum aos seus problemas, desde a produção até a comercialização. Hoje vamos focalizar alguns aspectos relacionados com as empresas de beneficiamento.

As usinas, com algumas exceções, não vêm apresentando uma melhoria satisfatória conforme aspiram os produtores. Em primeiro lugar elas não possuem áreas e rotas definidas para a coleta do leite. Suas rotas se cruzam e recruzam e o produto, embora altamente perecível, é transportado de regiões onde existem firmas instaladas para outros locais bem mais distantes. Isto implica um custo desnecessário e que fatalmente recai sobre os produtores, uma vez que o leite é um produto tabelado. Como segunda consequência a qualidade do leite cai sensivelmente, não podendo, muitas vezes, ser comercializado ao natural, nem mesmo ser transformado em subprodutos nobres.

Aqui no Estado estes fatos são facilmente observados, pois eles ocorrem em quase todas as regiões produtoras. Na Encosta Inferior do Nordeste, por exemplo, onde existem mais de três usinas de laticínios, ocorrem fatos extremamente lamentáveis. Os chamados transportadores — proprietários de caminhões — para realizarem uma coleta de leite que compense a jornada, realizam um longo percurso, muitas vezes passando por uma ou duas usinas. Produtores que estão a 5 km de uma determinada indústria, muitas vezes entregam seu produto para uma outra que está localizada a 50 km de seu estabelecimento. E, pior ainda, é que muitos fornecedores, pelo fato

de venderem o leite para o transportador, nem mesmo ficam sabendo o nome da empresa que está recebendo o seu produto. Isto acontece porque os transportadores, em função das conveniências das indústrias, a cada dia recebem propostas de bonificações dos industriais, gerando uma concorrência que faz encarecer o transporte e elevar o custo do leite, mais notadamente na estação quente.

Esta situação deve ser modificada para que não continue ocorrendo o desgaste tanto dos produtores como das empresas. Os técnicos têm plena certeza que a única saída para solucionar este fato é o zoneamento da área de atuação das empresas de beneficiamento, tanto dos particulares como das cooperativas.

Também na comercialização as empresas competem desnecessariamente, pelo menos no que se refere à distribuição do leite ao natural, que também tem o seu preço tabelado. Este erro ainda é bem mais grave, pois implica em custos que poderiam ser reduzidos em benefício dos produtores e da própria usina. Se o preço do leite não fosse tabelado pela SUNAB, então poder-se-ia esperar que esta competição de mercado fosse positiva, mas como o preço é pré-fixado, os técnicos a consideram extremamente prejudicial. É claro que estamos falando na distribuição do leite nas regiões próximas à usina, pois nas grandes capitais dificilmente uma só empresa terá produção suficiente para atender a demanda destes centros consumidores. Esta competição, à semelhança daquela estabelecida na coleta, é altamente danosa e pela mesma razão também exige uma disciplinada regionalização.

É evidente que se uma determinada empresa de laticínios tiver um adequado zoneamento nas suas atividades, tanto de coleta como de comercialização, ela estará alcançando uma expressiva redução em seus custos, e consequentemente, significativos benefícios financeiros aos

produtores. A segunda razão que pode ser considerada para justificar a regionalização é o maior relacionamento entre os produtores e a usina de beneficiamento. A atividade leiteira pela sua própria natureza exige um estreito e contínuo contato entre os produtores e as usinas. A proximidade dos produtores a plataforma de recebimento, além de assegurar todos os benefícios já citados, dá maiores condições físicas à empresa no que se refere ao atendimento das reivindicações dos seus fornecedores ou cooperados.

Com relação ao zoneamento, isto é, a oficialização da área de ação das empresas, nós temos bons exemplos na organização da produção leiteira na Alemanha. Também no que se refere ao cooperativismo no Estado, nas zonas de produção de trigo e soja, pode-se dizer que já existe uma boa definição nas áreas de ação das cooperativas.

Uma perfeita caracterização das bacias leiteiras acompanhada de um zoneamento adequado à capacidade física das empresas, a exemplo de outros países, dará segurança ao produtor que, se receber um assessoramento técnico oportuno e eficiente aumentará os seus rendimentos. As usinas, por sua vez, terão produto tanto nos períodos favoráveis como nos períodos críticos de produção. As sobras de leite que ocorrem nos períodos de maior produção poderão ser transformados em leite em pó, que servirão de estoques reguladores para atender a demanda dos períodos críticos de produção. Isto evitará que as usinas, nos períodos de menor produção, tenham que buscar leite em regiões distantes para manterem a sua plena capacidade operacional.

Parece que os fatos aqui discutidos devem ser considerados e refletidos, principalmente porque vivemos num país que apresenta um gritante subconsumo de leite. Enquanto na Europa se consome, em média, mais de

400 litros/pessoa/ano, no Brasil ainda não atingimos os 100/litros pessoa/ano.

Estamos vivendo um momento que busca, em todos os pontos do Brasil, uma maior produtividade no setor primário, quer na lavoura quer na pecuária. Mas de nada adiantará este esforço se não for preservada a saúde das populações. Saúde esta que começa no vigor dos primeiros anos de vida e que, sem dúvida, encontra no leite o início de todo seu processo. Por isto é necessário que sejam considerados os fatos aqui apresentados para que a pecuária leiteira do Brasil tenha, como em outros países, o mesmo significado, pois o consumo de leite de um país é um importante indicador do seu estágio

de desenvolvimento. Poderíamos finalizar lembrando que nos EUA já em 1952, a indústria leiteira contribuía com 15,3% do valor total do setor primário, enquanto que os cereais com apenas 12,0%. Também na Europa, Nova Zelândia e Austrália se verificam situações semelhantes. Por isto, se o Brasil deseja ingressar no grupo dos países desenvolvidos é necessário também que se preocupe com a melhoria da estrutura da pecuária leiteira. E a melhoria que propomos implica na definição e caracterização das bacias leiteiras, onde, pela concentração de assistência e recursos, aliada ao zoneamento poderá ser alcançado um desenvolvimento bastante significativo. E acreditamos que nesta conjuntura será decisiva a atuação das cooperativas.

FORME PASTAGENS COM ESPECIES FORRAGEIRAS RECOMENDADAS PELO DEPARTAMENTO TÉCNICO

Espécies	kg/hectare
Anuais — <i>Pasto Italiano</i>	15 a 20
Perenes — <i>Setária Kazungola</i>	6 a 8
<i>Panicum Gatton</i>	6 a 8
<i>Rhodes</i>	10 a 12
<i>Pensacola</i>	15 a 20
<i>Pangola</i>	plantio por mudas
<i>Pasto Elefante</i>	plantio por mudas
<i>Siratro</i>	4 a 5
<i>Desmódio Intortum</i>	3 a 4

CONSORCIAÇÕES RECOMENDADAS

- *Setária Kazungola com Siratro ou Desmódio Intortum*
- *Panicum Gatton com Siratro ou Desmódio Intortum.*
- *Pangola com Siratro ou Desmódio Intortum.*
- *Procure semear estas forrageiras durante este mês.*
- *Não utilize grades para cobrir as sementes; utilize de preferência rolo compactador ou galhos.*
- *As sementes de todas as forrageiras acima relacionadas podem ser adquiridas na COTRIJUI. Procure a orientação do Depto. Técnico.*

PASTO ITALIANO: PRONTA ENTREGA

A COTRIJUI dispõe de sementes fiscalizadas de pasto italiano, para entrega imediata.

Os interessados podem fazer contato com o Departamento Técnico da COTRIJUI pelos fones: 2159, 2160, 2161, 2162, e 2163, em Ijuí, ou no Escritório em Porto Alegre, Praça Oswaldo Cruz, 15 — 25º andar, conj. 2512 fone 25.04.24.

Porto

PROGRAMA DE REPRODUÇÃO BOVINA

M ed. Vet. OTALIZ DE VARGAS MONTARDO

A produtividade de uma exploração pecuária depende fundamentalmente da interação de fatores como a alimentação, sanitário e reprodução. Somente a ação equilibrada desses fatores poderá garantir uma curva ascendente no processo produtivo de um rebanho, estabelecendo uma razoável margem de segurança para aquele que investe nessa área de produção. Este princípio é válido para qualquer tipo de exploração pecuária, seja para a produção de leite ou carne.

Consciente dessa realidade o setor de Produção Animal do Departamento Técnico da COTRIJUI, está desenvolvendo junto a alguns criadores da área de ação da Cooperativa, um Programa de Inseminação Artificial fundamentado em medidas que visam equacionar, corrigir e melhorar as condições alimentares, sanitárias e reprodutivas dos rebanhos, de modo a possibilitar uma evolução constante do ciclo de produção. Este trabalho

foi iniciado em quatro propriedades em 1974 e os resultados positivos obtidos (ver tabela), possibilitaram a expansão do Programa, que este ano está sendo desenvolvido em seis propriedades, bem como a experiência adquirida pela equipe que executa os trabalhos, permitiu a elaboração de um Programa mais amplo e a fixação de metas mais definidas.

to inicial, a equipe se desloca até a propriedade do interessado a fim de estudar a situação atual do rebanho, levantando uma série de dados que posteriormente serão analisados e servirão de base para a fixação de metas do Programa na propriedade. Em linhas gerais, nessa oportunidade são desenvolvidas as seguintes atividades

1 - Exame ginecológico em todas as vacas apresentadas a

RESULTADOS OBTIDOS EM 1974 - TABELA

	Vacas inseminadas	Prenhes	Índice de Fecundação
Propriedade Nº 1	80	67	83,7%
Propriedade Nº 2	104	91	87,5%
Propriedade Nº 3	152	115	75,6%
Propriedade Nº 4	52	44	84%

O Programa é desenvolvido basicamente em quatro etapas; levantamento inicial; estudo da situação atual; fixação de metas e execução.

Para a primeira etapa do Programa, isto é, o levanta-

mento inicial, a equipe se desloca até a propriedade do interessado a fim de estudar a situação atual do rebanho, levantando uma série de dados que posteriormente serão analisados e servirão de base para a fixação de metas do Programa na propriedade. Em linhas gerais, nessa oportunidade são desenvolvidas as seguintes atividades

ginecológico, a fim de que sejam submetidas à prova de sorologia para a brucelose. O soro de animais que apresentarem resultados positivos nessa prova, é remetido ao laboratório da Secretaria da Agricultura (I.P.V.D.F.), onde é submetido a provas complementares. Caso confirme a positividade, os animais portadores de brucelose serão eliminados pelo Programa. 3 - Identificação com um brinco plástico na orelha de todos os animais considerados aptos para o Programa. 4 - Preenchimento de um questionário, onde se faz um estudo detalhado da situação atual do rebanho e da propriedade. Este estudo consiste no levantamento de uma série de dados relativos às condições sanitárias, alimentares e zootécnicas do rebanho, bem como das instalações e do pessoal da propriedade.

Todos os dados coletados durante o levantamento inicial são analisados pela equipe técnica a fim de que sejam identificados todos os fatores que direta ou indiretamente estejam limitando ou possam vir a frustrar os objetivos do Programa. Deste modo, são elaborados esquemas sanitários, recomendações sobre pastagens, manejo e outras medidas que variam conforme a situação da propriedade. O esquema dos trabalhos é apresentado ao proprietário que tomará as medidas necessárias a fim

de que o Programa seja executado.

A etapa seguinte consiste na inseminação artificial propriamente dita. O inseminador permanecerá na propriedade por um período de 30 a 60 dias a fim de inseminar todas as fêmeas incluídas no Programa. Esse trabalho é supervisionado por um médico-veterinário que periodicamente visita a propriedade. Paralelamente outras atividades vão sendo desenvolvidas conforme o cronograma estabelecido. Noventa dias após a última inseminação a equipe se desloca novamente para a propriedade a fim de fazer o diagnóstico de gestação e apartar as vacas falhadas. As vacas não fecundadas, dependendo das condições da propriedade e do interesse do criador poderão ser inseminadas no período de junho a agosto do ano seguinte ou serem imediatamente entouradas.

Todas as atividades realizadas dentro do Programa são anotadas em fichários próprios e o proprietário do rebanho recebe o assessoramento técnico constante da equipe, mesmo depois do nascimento dos terninhos.

Em síntese, este é o Programa de Reprodução que o Setor de Produção Animal do Depto. Técnico da COTRIJUI está realizando junto àqueles criadores que buscam o aumento da produtividade de seus rebanhos através dos recursos técnicos que são colocados à disposição pela COTRIJUI.



COTRIJUI-AMAZÔNIA FOI EXPLICADO NA CÂMARA

Colonização da Amazônia e reaglutinação de propriedades na área de ação da COTRIJUI, foram os assuntos abordados pelo economista Edgar Irio Simm na Câmara de Vereadores de Ijuí, na sessão de 27 de outubro último, por convite do legislativo, que há tempos vinha demonstrando interesse em conhecer detalhes do referido projeto.

O economista Edgar Irio Simm, contratado para coordenar o Projeto COTRIJUI-NORTE, compareceu ao legislativo ijuicense acompanhado pelo diretor-vice-presidente da cooperativa, professor Arnaldo Oscar Drews.

Destacou Irio Simm no transcorrer de sua palestra para os vereadores, que os objetivos principais da Cotri-

jui, ao implantar o Projeto, é promover a reaglutinação dos minifúndios em sua área de ação e ocupar de forma economicamente rentável e ordenada, a área de seu Projeto na Amazônia.

Assessorado pelo vice-presidente Arnaldo Drews — ambos estiveram há pouco visitando a área do Projeto — Edgar Irio Simm conseguiu transmitir aos vereadores ijuenses a filosofia da cooperativa em relação ao Projeto COTRIJUI-NORTE.

Conforme tem sido divulgado, o embasamento social do programa visa a transferência — no prazo de 10 anos — de duas mil famílias de colonos desta região para a área do Projeto, nas proximidades de Altamira



INAUGURADO COM FESTA O CENTRO COMUNITÁRIO DE RINCÃO DOS GÓI

Foi inaugurado o Centro Comunitário de Rincão dos Góí, em ato levado a efeito a 5 de outubro, com festividades que se prolongaram durante todo o dia.

Foi celebrada missa campal celebrada pelo padre Clemente Dotti, ex-pároco da Igreja São Geraldo, de Ijuí. A inauguração do Centro Comunitário foi prestigiada com a presença de autoridades e grande público.

Dentre as autoridades presentes, o prefeito municipal, sr. Emídio Odósio Perondi, que cortou a fita simbólica dando por inaugurado o Centro; o vice-prefeito, sr. Wilson Maximino Mânica; o secretário de Educação do município professor Adair

Casarin. Foi orador oficial da solenidade o sr. Edgar Monteiro, gerente da HZ-Representações.

O Centro Comunitário de Rincão dos Góí, que representa a soma de esforços de toda uma comunidade dedicada e voltada para o engrandecimento social da própria comunidade.

O Centro é presidido pelo sr. Constantino Góí, um esforçado batalhador que conta com a colaboração de dedicados companheiros de diretoria.

O Centro passa a ser o ponto central da comunidade. Cultural, esportivo, social e até beneficente, segundo seu presidente, a nova unidade integra-se no espírito da comunidade que o criou.



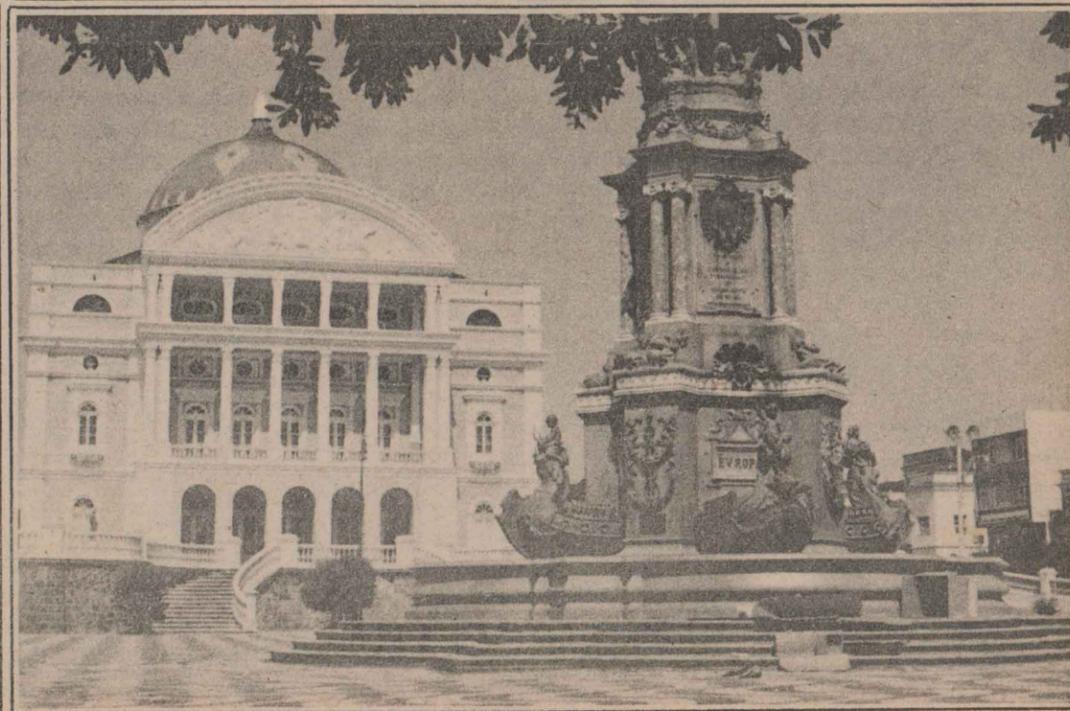
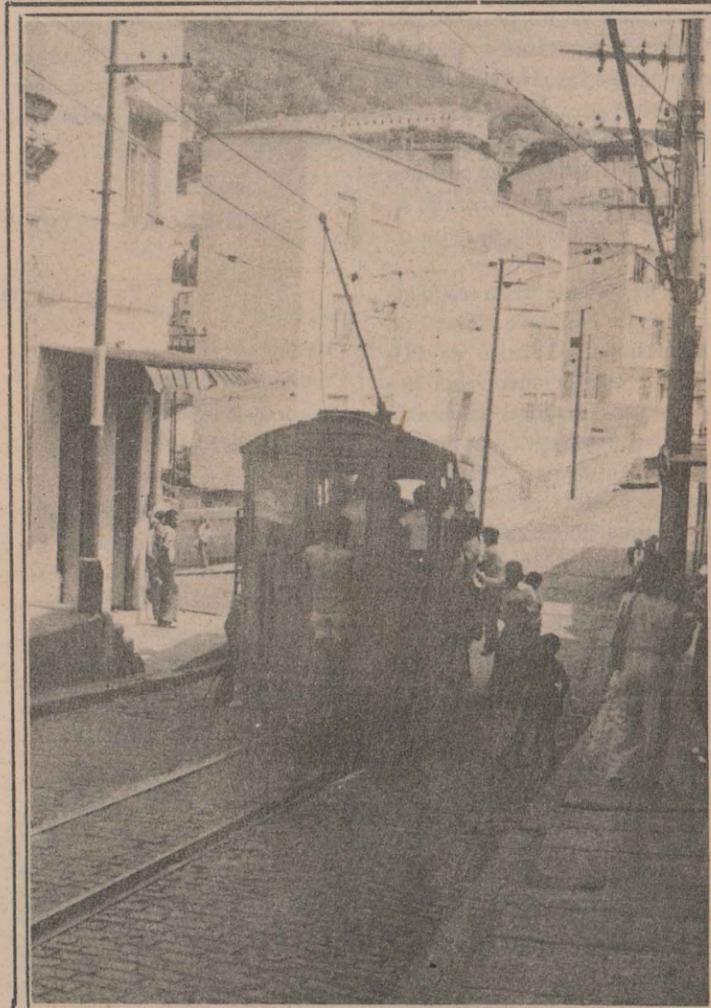
COISAS E FATOS DO BRASIL

A reportagem do COTRIJORNAL fez extensa gira pelo Brasil. No Norte, juntamente com a direção e conselheiros da cooperativa, visitou a área da futura colonização, hoje em projeto, na micro região de Altamira, no Pará.

Cidades como Belém — cuja festa do Círio de Nazaré está focalizada nesta edição — Santarém, Manaus e os diversos rios da região (Amazonas, Tapajós, Solimões, Negro), foram vistos e fotografados pela reportagem.

Posteriormente, com a finalidade de dar andamento ao programa de ligação das bacias Ibicui-Jacui, o redator esteve no Rio de Janeiro encaminhando o assunto junto ao Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis.

Nas próximas edições iremos focalizando coisas e fatos observados e fotografados. Antecipamos aqui algumas fotos constantes do roteiro seguido. Nas fotos, ordem de cima para baixo, vê-se Santarém (Pará); Rio — Vista do bairro Santa Tereza — e o famoso Teatro Amazonas, em Manaus.





SUPLEMENTO INFANTIL – NOVEMBRO/75

ESCOLINHA
DE ARTE
DA
FIDENE

Elaboração: Viro Frantz – Moacir Lima – Wally Arns

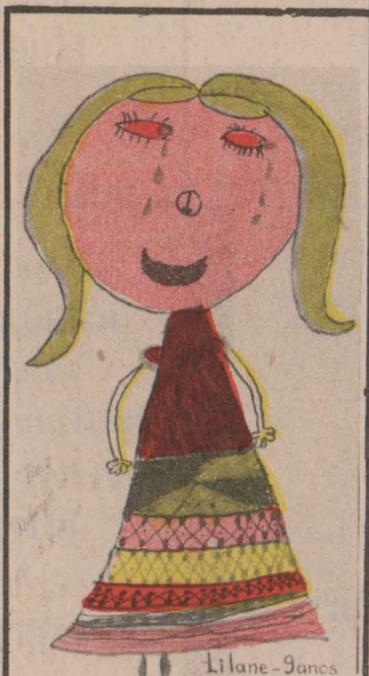
MANUAL DA PERFEITA MENININHA

MANUAL DA PERFEITA MENININHA

A questão da obediência aos pais, professores e mais velhos deve ser, filhinha, numa menina da sua idade, resolvida com a inteligência. Nem é a tudo que se deve obedecer. Se seu pai, num incêndio, mandar você se atirar, é lógico que você deve fazê-lo sem hesitação, por que ele terá certamente entrevisto uma possibilidade de você, atirando-se, não morrer. Mas se não houver nenhum incêndio e lhe disser o mesmo, então em hipótese alguma você deve obedecer. Se ele lhe pedir para ir buscar um maço de cigarros que esqueceu no quarto, você deve ir, porque ele é seu pai, uma pessoa mais velha, e não custa nada fazer-lhe esse favor. Mas se ele lhe pedir para apanhar um maço que está ao alcance de sua mão, aí você deve bronquear. Não deixe nunca ninguém lhe fazer de boba. Uma menina tem que ser obediente, mas reagindo sempre contra a injustiça.

A perfeita menina nunca se chateia em sua própria companhia, e brinca sozinha quando é preciso. Nem tudo na vida é como a gente queria que fosse sempre. Quando os amigos não estavam à mão, seu pai brincava sozinho, ou pegava um livro. Ler é maravilhoso, filhinha. A pessoa fica não só mais inteligente, como menos egoísta, pois o livro ensina a gente a interessar-se pelos outros, suas vidas, seus sentimentos, seus problemas.

Uma qualidade que a perfeita menina tem aos pontos é personalidade. Ela não é nunca uma maria-vai-com-as-outras, que acha graça nas malfetorias e má-educação dos meninos de mau caráter, não destrói a propriedade alheia; não é dedo-duro de colega ou amigo; não tem vergonha de pedir desculpa quando tiver errado; não agride primeiro, mas quando é agredida, reage para valer, se prende a cuidar do que é seu, pendurando a roupa quando chega, não deixando tudo pelo caminho para a mãe, a tia ou avó apanhar.



DE CRIANÇA PARA CRIANÇA

O Cotrisol continua recebendo muitas cartinhas de seus leitores contendo críticas, sugestões e também elogios. Algumas crianças mandam sua contribuição em forma de desenhos, histórias em quadrinhos, palavras cruzadas, poesias... Na medida do possível o Cotrisol publica estas contribuições. A coordenação do Cotrisol insiste porém, para que não mandem desenhos copiados nem histórias, palavras cruzadas e poesias tiradas de livros. Tudo o que vocês mandarem deve ser feito totalmente por vocês.

O Cotrisol prefere publicar coisas que talvez para alguns não pareçam tão bonitas, mas que tem o valor de serem obra da imaginação e do esforço da criança e não reproduções de algo que a criança copiou de revistas ou livros.

Queremos agradecer às seguintes crianças que escreveram ao Cotrisol: Paulo Becker (São Valério), Elson A. Michelson (Esquina S. Luiz — Santo Augusto), Elizabete X. Abreu (Poteirinhos — Vila Jóia), Neuza Teresa Sangiovo (Ajuricaba), Anair M. Manozo, (S. Jacó — Sto. Augusto), Maria Cleusa Benso (Cedro Marcado — Tenente Portela), Eugenia Terezinha Pinta, Valdir Vicente Weber (Sto. Augusto), Claudia Corrêa (Vila Jóia), Claudete (Barreiro), Beloni Prates, Vera Lucia Bueno (Sto. Augusto), Wladimir Buzetto, Anair M. Zanozo, Beatriz Hasse (Rincão Seco — Santo Augusto), Iloni Baraldi (Moinho Velho) Eloi Glitz (Sto. Augusto), Zenaide Schneider (Augusto Pestana).

Neste número contamos também com uma contribuição que veio de muito longe, lá do Nordeste do Brasil — de João Pessoa. São trabalhos dos três irmãos: Eugênio, Maurus e Liliane, que através de seus desenhos querem se comunicar com as crianças gaúchas.

E, como estamos em plena primavera com milhares de florzinhas espalhadas pelos campos, vamos ler os versinhos que a Marcia e a Cira Clair nos mandaram.

CIRA CLAIR HÖRING

Escola Getúlio Vargas — Santo Augusto

Chegou a primavera
Rainha das estações
Lindas flores dão à terra
Alegria aos corações.

MÁRCIA TEREZINHA WEBER

Escola Getúlio Vargas — Santo Augusto

A primavera chegou,
A alegria também,
Porque as flores desabrocham
Trazendo alegria a alguém.

Este alguém somos nós
Que devemos cuidar das flores
Porque entre rosas e cravos
existem muitos amores.

A lagarta e o pulgão.
 Era uma vez uma lagartinha muito entusiasmada a olhar para um trigal muito bonito. E então apareceu o seu amigo pulgão. E ela falou:

Não achas que estamos perdendo tempo?

Vamos dar o fim neste trigal?

Calma amiga não é só nós que precisamos do trigo.

A lagartinha ficou pensando...

Porque ficou triste tão de repente?

Estava pensando você falou a verdade. Não é só nós que precisamos do trigo.

Claro que falei a verdade, e o lavoureiro que plantou o trigo para ter o pão.

Não sabe amigo vamos embora pois já é tarde voltaremos amanhã.

Iloni Lucia Baraldi

PALAVRAS CRUZADAS

1. O que o sol nos dá
2. Qual é a estação das frutas
3. Planeta onde vivemos
4. O que vemos durante a noite
5. Para quem é escrita esta página
6. Quem rege sobre tudo isto
7. Quem foi ordenado para cultivar a terra
8. Qual o satélite natural da terra

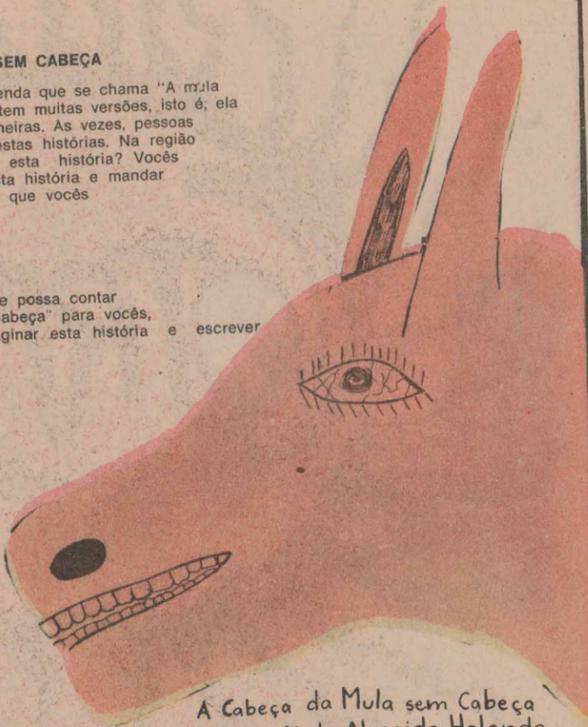
Colaboração de Beatriz Hase - 9 anos

RESPOSTAS

1	C					
2	O					
3	T					
4	R					
5	I					
6	S					
7	O					
8	L					

A MULA SEM CABEÇA

Existe no Brasil uma lenda que se chama "A mula sem cabeça". Esta história tem muitas versões, isto é, ela é contada de diferentes maneiras. As vezes, pessoas mais idosas ainda contam estas histórias. Na região de vocês alguém conhece esta história? Vocês poderiam tentar escrever esta história e mandar para o Cotrisol. O desenho que vocês vêm ao lado é de um menino da Paraíba. Ele desenhou "A cabeça da mula sem cabeça". Se vocês não encontram ninguém que possa contar a história da "Mula sem Cabeça" para vocês, vocês podem também imaginar esta história e escrever para nós.



A Cabeça da Mula sem Cabeça
 Maurus M. de Almeida Holanda
 9 anos

ILONI LUCIA BARALDI
 Escola Profº Romalino R. Torres

Vamos com muita alegria
 Plantar o trigo que é sagrado
 E que ajuda o Brasil melhorar
 Rezando que o granizo
 Não venha prejudicar.

Nos campos do meu Rio Grande
 Quando o trigo está maduro
 É lindo de se olhar.
 Pois parece que tem ouro
 Espalhando por todo o lugar.

Agora eu finalizo
 Com um abraço muito cordial,
 dizendo para vocês
 Que sou ligado neste jornal.

LAMPIÃO

São denominados cangaceiros aqueles homens do nordeste brasileiro que viviam lutando às vezes entre si, às vezes contra as injustiças dos poderosos ou contra as autoridades. O cangaceiro mais famoso é conhecido por Lampião. Seu nome verdadeiro no entanto era Virgulino. A história abaixo conta como ele chegou a ser chamado de Lampião.

Depois de um tiroteio bravo, Virgulino procurou um bando chefiado pelo então célebre Sinhô Pereira. Ao se apresentar perante o chefe, como candidato, este, ao notar-lhe o tipo franzino de menino de 16 anos, indagou de suas qualidades de guerrilheiro, das credenciais que trazia.

O menino Virgulino se emociona, olha para os lados atenta nas faces rudes dos componentes do grupo que o cerca, receia não ser recebido e, com arrogância na voz firme, expressa numa comparação matuta, tudo o que era:

— O meu rifle, no pega desta noite, não deixou de ter clarão!

A turma explode em risadas, e um deles, de olhar inteligente, explica:

— Homem, se é assim, o rifle deste menino é que nem um lampião:

E o apelido entranhou-se dentro da pele, para sempre, como uma tatuagem. Da boca do seu rifle, trocado, anos depois, por um fuzil do Exército, que lhe foi oferecido por autoridades federais, havia de jorrar um clarão, cuja luz, lívida e sinistra, iluminaria por mais quinze anos, os sertões de sete Estados.

(Extraído e adaptado de "Estórias e Lendas do Norte e Nordeste". Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro.)

O vaqueiro nordestino tem um trabalho semelhante, porém mais difícil ao do nosso gaúcho. Ele cuida do gado solto no sertão. Uma das grandes dificuldades do vaqueiro é penetrar nas caatingas, tão diferentes das nossas coxilhas e, que, além das árvores como o juazeiro, apresentam arbustos que possuem espinhos e cactos, como o mandacará e o xique-xique. O vaqueiro usa uma vestimenta de couro para se defender dos espinhos. Ele costuma aboiar o gado isto é, ele guia o gado com um canto triste e monótono — o aboio.

Mané Lucídio era um velho vaqueiro que tinha sido ferido numa rodada de cavalo. Alguns diziam que ele era tantã. Fato é que agora passava sentado na beira de calçada, pedia farinha de esmola e falava feito reza de igreja:

— Vaqueiro vestido de couro, da cor do tijolo, marcando o compasso curtinho dos bois do sertão. Tilim-tilim das rosetas, o aboio tão triste, tão... E um passo, os bois não tem pressa. Se vão para a morte, para que se apressar? Que bois pequeninos! E que fosse o boi Mais-maior, não ia chegar prá fome da gente que mora faminta na praia do mar. Cavalinho ruço-pombo baixou a cabeça pura tristeza... Choutando, guiando, engabelando o gado enganado. Sei não. Ruço-pombo perde tempo, que a boiada tudo sabe; não vê que nem não remói? Só quer esquecer o gosto do pasto. Baixaram as pestanas, nem olham de lado, as juremas balançando, despenando as folhas, se acabando: "Até um dia, meu boi". O eco ficou sem coragem e não repetiu o aboio, ia gaguejar; o céu escureceu, ia chover. Mas era tempo de seca e só fez a carranca, que seca mesmo, até céu do sertão respeita. Vaqueiro cor de tijolo, aquele turuno está beirando músico, avisando que os bois te perdoaram. E a gente faminta da praia do mar tem coração pequenino que não cabe nem você, quanto mais um boi.

(Extraído e adaptado de: Antologia ilustrada do Folclore Brasileiro — Estórias e Lendas do Norte e Nordeste).

Choutando — troteando
Engabelando — enganando
Jurema — Pequena árvore espinhenta
turuno — valente.

Olê mulher rendeira
Olê mulher rendá
Tu me ensina fazer renda
Que eu te ensino a namorá,

As moça de Vila Velha
Não tem mais ocupação
Passam o dia na janela
Namorando Lampião.

Olê mulher rendeira
Olê mulher rendá
Tu me ensina fazer renda
Que eu te ensino a namorá

Lampião desceu a serra
Deu um baile em Cajueiras
Só prá vê moça donzela
Dançar mulher rendeira.



Eugênio Pacelli - 10 anos

1113 CONJUNTO HABITACIONAL MERCEDÃO

I
Motorista de caminhão está sempre indo para algum lugar. E está sempre voltando de algum lugar também. Parado o mundo não presta?

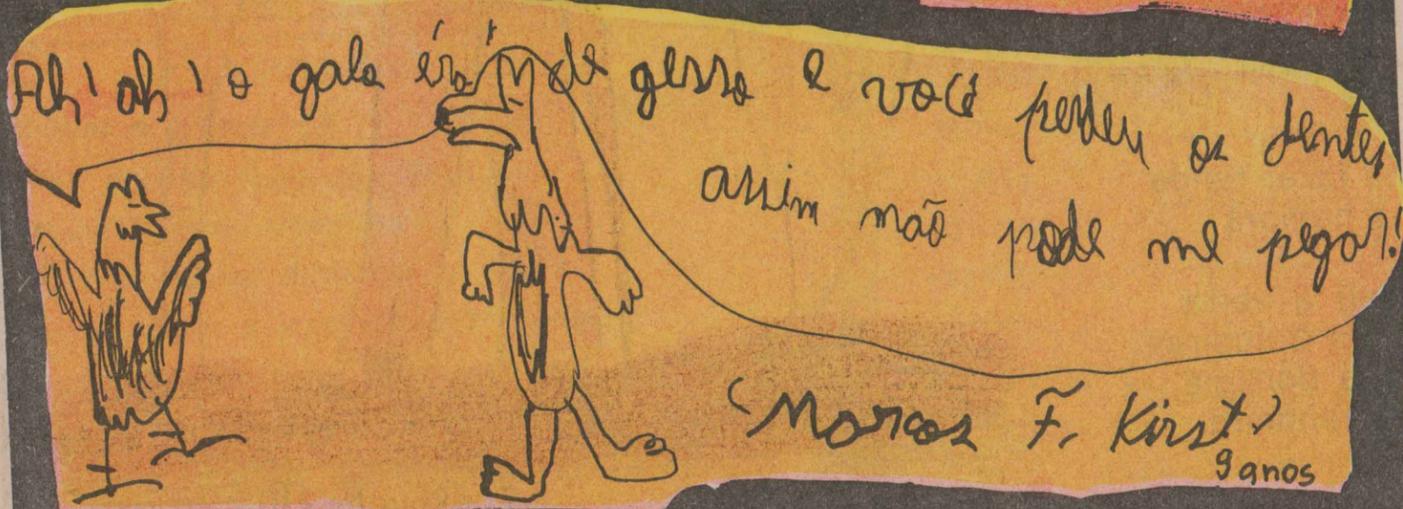
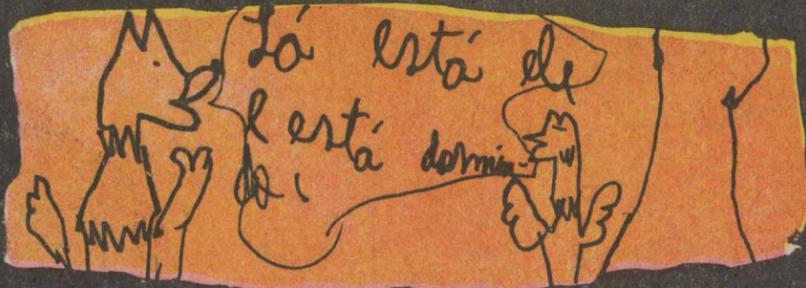
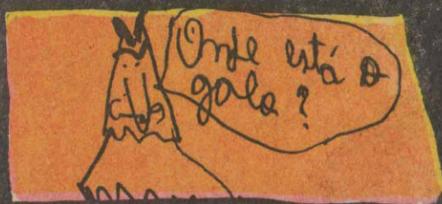
II
A máquina do carro enguiça, que faz o motorista? Conserta. Se não pode, chama um mecânico, que sempre dá um jeito. Mas o mundo tá enguiçado faz tempo. Desordem já viu que sozinho não vai poder consertar. Que mecânico com muita prática de consertar o mundo ele vai chamar? Que eletricitista, Que torneador? A máquina do mundo é bem maiorzona, conserta aqui arrebenta ali; todo mundo desassossegado: quem pode viver sem comer? E nos diga mais uma coisa Desordem, você que viajou por muito lugar do mundo e pode ter uma base: quanto tempo vai demorar para consertar o mundo? E quem tá fazendo o serviço, tá fazendo bem feito esse importante serviwo? Não tem desses mecânico que precisam de ajuda? Não tenho muito saber, mas aperto um parafuso aqui, afrouxo outro ali, dou a minha mãozinha.

A casa do motorista de caminhão tem uma só peça e muitas dependências, dormitório, sala, de estar, sala de serviço, boate, dependência de empregada e outras dependentes. O motorista é também um dependente: do tempo, da máquina, do carro, da estrada, do frete, de muitos outros segredos sociais.

III
O mundo um caminhão fosse, jamanta das bem pesadas... já ergui muitas dessas sozinho com um macaco. Porque se não for enguiço de motor, se só pneu furado for, até borracheiro sreve; e sendo a carroceria, não será serviço prá capintaria? E se for prá descarregar, olha eu, Desordem, com força no braço, veja o que eu faço, veja o que eu posso empurrar na subida, segurar na descida. Desordem, tu que não sabe quanta coisa de força fazer posso eu: segredos! Tem lugar prá todo mundo no conserto do mundo.

IV
O que Desordem me contou: "isso que você fala, em tudo de acordo com tudo. Também eu fui na oficina um dia. Pedi prá regular o motor, estava desregulado. O mecânico, um competente regular, deixou no ponto pontinho. Perguntei: quem regula o mundo? Assustado, louco eu fosse, fora da idéia: você parece que não regula. Eu eu: só parece; mas tu não parece que não regula e com isso nem se importa; competente no regulamento do caminhão com pouca prática no regulamento do mundo. Praquele só faltava uma graxinha. Me lembrei de um professor que eu tive: a cabeça dele era cimento puro, nunca não podia demudar. Ele foi meu professor. Mas hoje, sabe quem me ensina? O meu professor é o mundo." ?
Ensinaamentos...

O galo e a raposa



(Moraes F. Kirst)
9 anos

LIVROS LIVROS LIVROS

Dois livros que vale a pena comprar são: **Ou isto ou aquilo** de Cecília Meireles — Editora Melhoramentos, S. P. e **"A Arca de Noé"** de Vinícius de Moraes — Editora Sabiá, R. J.

São dois livros com uma apresentação muito boa: ilustrações lindas e uma diagramação bem bolada. Mas o melhor mesmo são as poesias. Elas são daquele tipo que a gente já gosta na primeira leitura. Se a gente lê pela segunda vez é melhor ainda. E quanto mais lê, mais se fica gostando delas, descobrindo nelas sempre coisas novas. É porque são poesias que, com poucas palavras, conseguem realmente dizer muito.

Como sugestão fica o seguinte para vocês: — vocês poderiam pedir estes livros ou um deles, como presente de Natal ou então sugerir aos professores que comprem estes livros para a biblioteca da escola. A gente pode encomendar estes livros numa livraria indicando o nome do livro, o autor e a editora, assim como está escrito acima.